

## **Inventário e Documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás – DPI / IPHAN**

### **Apresentação do relatório<sup>1</sup>**

#### **Histórico do processo no DPI – IPHAN e contextualização da pesquisa**

Em 2006, foi feito o Levantamento Documental para Registro das Festas do Rosário no Brasil, que sugeriu a restrição da abrangência do levantamento documental ao Reinado de Nossa Senhora do Rosário / Congado e a delimitação da pesquisa inicial a algumas festas representativas de Minas Gerais e Goiás.

Nesta região, a festa apresenta a mesma estrutura e morfologia, ritos semelhantes, clara predominância das culturas bantu e o mesmo mito fundador: (uma imagem de) Nossa Senhora do Rosário encontrada num rochedo no mar (em uma gruta) e sua saída até uma capela dos negros escravos acompanhando o terno de Moçambique (Catopê), após seguidas recusas de acompanhar os brancos - padre ou banda de música ou demais ternos do Congado. Assim, o Reinado do Rosário / Congado – uma das principais manifestações do cristianismo negro – constitui uma unidade temática e é bastante distinto das manifestações que surgiram vinculadas de algum modo às irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos e de São Benedito no Nordeste, como o Maracatu, o Afoxé, o Tambor de Crioula e o Tambor de Mina, que são próprias do ilê, do terreiro de Candomblé e dos povos iorubá / nagô, jeje, ketu, ijexá, fanti-ashanti. Como cada uma destas diversas manifestações ligadas às irmandades do Rosário só constitui *referência cultural* para seu grupo específico, de acordo com suas particularidades, os inventários deveriam ser igualmente individualizados.

A multiplicidade da ocorrência do Reinado / Congado em uma área extensa (cerca de 200 festas em Minas Gerais e 20 em Goiás), contudo, faz com que seu levantamento preliminar, identificação e documentação para fins de inventário e registro configurem tarefa de médio / longo prazo, que exige aporte significativo de

---

<sup>1</sup> Sebastião Rios com a colaboração de Carolina Santos, Talita Viana (Congada de Santa Efigênia), Alex Ratts e Adriane Damascena (Congada de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito).

recursos financeiros. Em função disso, o DPI pensou em encaminhar o inventário e levantamento preliminar de algumas festas de três sub-regiões: Sudoeste de Minas Gerais, Região Metropolitana de Belo Horizonte e Alto Jequitinhonha e Centro-Sul de Goiás e Triângulo Mineiro. Esta proposta, que envolvia o estabelecimento de um convênio plurianual, esbarrou, entretanto, em restrições orçamentárias e da área jurídica do IPHAN.

Neste contexto, o IPHAN lançou, no final de 2007, o Edital / Convite nº 10/2007, para realização do inventário e documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás, restringindo uma vez mais, por razões de ordem prática e de disponibilidade orçamentária, o escopo do inventário.

A FUNAPE – UFG apresentou a proposta selecionada no edital, sob coordenação de Sebastião Rios, para realizar este inventário e documentação. Da proposta, consta apresentação do Relatório do Inventário das Congadas no Estado de Goiás (com descrição textual densa, fichas de sítio e de localidade e anexos – contatos, bibliografia, registros audiovisuais –, fichas de identificação de bem cultural / formas de expressão – catopé, congo, moçambique e vilão), registro fotográfico e em vídeo das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás.

Paralelamente a este trabalho, o IEPHA - MG está realizando o inventário da Festa de Nossa Senhora do Rosário do município de Chapada do Norte e solicitação de **Registro das Congadas de Minas Gerais** foi encaminhada ao IPHAN pelas prefeituras das cidades de Uberlândia, Campos Altos, Frutal, Monte Alegre, pela Fundação Cultural de Uberaba, contando ainda com carta de apoio da Associação dos Congos e Moçambiques Nossa Senhora do Rosário de Ibiá.

Com respeito ao Inventário das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás, a pesquisa partiu de um conhecimento prévio acerca da festa em algumas localidades, notadamente Catalão e Goiânia, por parte de alguns integrantes da equipe da FUNAPE – UFG. Dadas as limitações de tempo e de recurso, o inventário tratou destas duas festas, acrescentando ainda a de Niquelândia. Este recorte se deveu ao fato de ser a festa de Catalão a que envolve o maior número de participantes e ter mais visibilidade no cenário estadual e nacional. As festas de Goiânia têm a peculiaridade de configurarem um Congado em uma grande cidade e capital do Estado. Já a Congada de Santa Efigênia de Niquelândia, além de ser a festa mais antiga

do Estado, deitando suas raízes na época da mineração na antiga São José do Tocantins, ainda no período colonial, se desenvolveu em relativo isolamento e num ritmo mais lento, tendo preservado em maior grau suas características originais.

A Congada ocorre em cerca de vinte municípios goianos. Entre outros, Catalão, Cumari, Goiandira, Ipameri, Ouvidor, Pires do Rio, Três Ranchos (no sul do Estado), Goiânia, Pirenópolis e Santa Cruz (no Centro) e Cidade de Goiás e Niquelândia (no Norte). A Congada no Sul de Goiás data da expansão da fronteira agrícola para Goiás, no final do século XIX, vinda de Minas Gerais, especialmente do Triângulo Mineiro (Araxá e Uberlândia), mas também com contatos em Candeias e Campo Belo, especialmente no caso de Catalão. A Congada de Niquelândia e de Santa Cruz são mais antigas e remontam ao período colonial, marcado na economia pela mineração do ouro. Atualmente existe um esforço para retomar a festa em Pirenópolis e na Cidade de Goiás, que são igualmente cidades surgidas com a mineração no período colonial. Esta retomada, entretanto, tem muita influência das festas mais recentes, notadamente Catalão e Goiânia.

No presente Inventário, foram realizados o levantamento de fontes documentais e a pesquisa de campo nas três localidades selecionadas, o registro fotográfico e em vídeo das festas, o registro audiovisual de depoimentos dos participantes e a sistematização e interpretação dos dados, segundo a metodologia do INRC. Os objetivos do inventário foram, no geral, cumpridos. As dimensões do campo e a complexidade da festa, entretanto, recomendam a continuidade da pesquisa, seu aprofundamento nas localidades inventariadas e a inclusão de outras localidades no Estado de Goiás onde a manifestação também é existente e, especialmente, a pesquisa das festas mineiras, particularmente, conforme indicado no Levantamento Documental para Registro das Festas do Rosário no Brasil: *Festa do Rosário dos homens pretos do Serro - MG* (Alto Jequitinhonha); *Reinado de Nossa Senhora do Rosário dos Arturos* (Contagem - MG), *Festa da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Justinópolis* (Ribeirão das Neves - MG); *Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Itapecerica - MG* (Sudoeste de Minas Gerais); *Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Oliveira - MG* (Sudoeste de Minas Gerais); *Reinado de Nossa Senhora do Rosário de Fagundes* (município de Santo Antônio do Amparo - Região Sul de Minas Gerais).

### Contextualização das festas inventariadas

A Congada é uma festa do catolicismo negro desenvolvida em um sistema escravista marcado pela imposição cultural. Apresenta uma mistura de signos e significados a partir de traduções e reinterpretações contextualizadas nas relações assimétricas de poder que marcaram tanto a introdução do culto a Nossa Senhora do Rosário na África Central pelos missionários portugueses da ordem dos dominicanos, no século XV como a experiência da escravidão desses povos na América portuguesa no período colonial.

No Reino do Congo, a conversão se deu a partir de reinterpretações dos ritos e símbolos católicos portugueses a partir da própria cosmologia congoleza; isto é, rituais e insígnias foram sendo incorporados ao sistema simbólico congolês recebendo novos significados; uma espécie de tradução a partir dos próprios valores e concepções, já que fazia parte da lógica tradicional das religiões do Centro-Oeste da África a renovação por movimentos iniciados por líderes messiânicos a partir de estruturas já existentes. As irmandades de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, que já eram presentes nas colônias portuguesas na África Central, surgem praticamente juntas com os povoamentos que se formam em função da mineração em Minas Gerais e Goiás, no século XVIII. As festas que os escravos africanos nelas realizam permitem uma sofrida reorganização social e a construção de uma nova identidade, não apenas como bantos – caso da maioria dos escravizados na região –, mas também como cristãos e escravos.

A denominação *banto* vem do agrupamento em uma mesma família de povos que viviam na região centro ocidental do continente africano a partir de uma série de semelhanças lingüísticas, em que era comum a quase todos a palavra *ntu* com o sentido de gente, indivíduo, pessoa, sendo *bantu* seu plural. Assim, *banto* designa um macrogrupo com características lingüísticas e culturais semelhantes. A organização social banta se dava através de linhagens, orientada pelo sentimento de *pertencimento* e ligação com os ancestrais: toda pessoa era, antes de tudo, membro de uma família e de um clã. As linhagens, as aldeias e os clãs teciam uma solidariedade fundada na etnia e na consciência de cada um descender do mesmo antepassado.

O tráfico de escravos rompe essas linhagens e foi nas irmandades leigas de devoção negra que se tornou possível a resistência cultural pela vivência do sagrado a partir de conteúdos e práticas religiosas dos antepassados. Essas instituições desempenharam papéis diversos e por vezes difíceis de conciliar, impondo uma religião oficial e um modo de organização controlado pela Igreja e pela administração do Estado colonial, e depois imperial, ao mesmo tempo em que eram as únicas instituições nas quais negros, crioulos e pardos, escravos, libertos e livres puderam se manifestar com relativa autonomia e liberdade. Assim, os elementos europeus de devoção foram assimilados pelos negros de acordo com suas próprias concepções religiosas e vivenciados a partir de suas práticas culturais, que definiram a forma da festa de Nossa Senhora do Rosário e outros santos de devoção negra, com suas ingomas (tambores) justapostas ao Rosário, com suas divindades cultuadas à sombra dos santos católicos e preservando seus processos de iniciação.

A coroação de reis e rainhas congos fazia parte das atividades dessas irmandades, tendo o rei e a rainha poderes de caráter muito mais simbólico do que de mando político sendo, no entanto, responsáveis pela sustentação financeira das Festas em devoção aos santos católicos. Existe, então, no Reinado de Nossa Senhora do Rosário, uma justaposição de elementos devocionais africanos (em especial bantos) e elementos europeus (santos católicos).

A comunicação com o sagrado é feita através de cantos conduzidos por tambores que, além de louvar os santos católicos, invocam as entidades africanas e/ou ameríndias e, como na cosmologia congoleza, a esfera dos espíritos não está dissociada do mundo dos vivos.

Este catolicismo negro traz a marca dos povos pertencentes ao mesmo grande grupo lingüístico banto, que também guardam elementos culturais importantes comuns: a fé em um Deus próximo aos humanos (Nzâmbi, Zambiapunga, entre outras denominações); a explicação dos acontecimentos deste mundo com referência ao sobrenatural; a atribuição de grande importância à interferência dos ancestrais no presente; e a responsabilidade de feiticeiros e sacerdotes (cujas funções também são exercidas pelos reis) de promover a comunicação entre o mundo físico e o sobrenatural, conjurando os bons espíritos e esconjurando os maus para promover a felicidade, a fertilidade e a abundância na terra.

Na concepção filosófica banto, o indivíduo está profundamente ligado aos ancestrais fundadores e às divindades. O grupo social e a cultura na qual está inserido são linhas de força que influenciam diretamente o sujeito. Sua história individual é suporte da memória coletiva ancestral. Suas atividades rotineiras de trabalho estão imbricadas com as expressões artísticas que são, por sua vez, geralmente vinculadas com o plano do sagrado; o mundo das forças sobrenaturais e dos ancestrais que constituem fonte da sabedoria e da harmonia no mundo dos vivos. Neste contexto, os reis mantinham estreita ligação com o outro mundo, conservando funções religiosas de um momento anterior em que não se distinguiam dos feiticeiros. Daí a aura de sacralidade em torno da monarquia: a religião é fonte de poder, e este, fonte de riqueza para o grupo. Não é de estranhar, portanto, que as próprias insígnias do poder dos reis, a coroa e o cetro especialmente, conservem suas características mágicas, na medida em que são vistos como objetos que têm incorporados em si a divindade<sup>2</sup>.

Esta visão do mundo não foi substancialmente alterada com o processo de conversão ao catolicismo do reino do Congo. Portugueses e congoleses traduziram noções alheias para sua própria cultura, forjando analogias que os levaram a achar que estavam falando das mesmas coisas, quando na verdade os sistemas culturais distintos permaneciam bastante inalterados. Acresce ainda, que o pensamento banto – inclusive no que diz respeito a rituais e objetos religiosos – caracterizava-se por certa plasticidade e maleabilidade, incorporando contribuições dos povos com os quais entrava em contato. Ao longo da história, a região do Congo / Angola vivenciou uma série de movimentos religiosos, ou seja, a adoção de novos ritos e objetos de culto em situação de dominação ou quando os antigos, em momentos de crise (seca, fome, guerra etc), já não cumpriam satisfatoriamente sua função de ampliar a ventura e prevenir a desventura. A incorporação dessas contribuições, entretanto, dava-se pela leitura delas a partir de seu próprio instrumental cognitivo, aceitando-as em parte como próprias, mas resistindo a transformações radicais.

O cristianismo africano constituiu, na longa duração, um novo movimento religioso, excepcionalmente poderoso. Sua incorporação segue o padrão baongo

---

<sup>2</sup> James Frazer citado por Marina de Melo e Souza em *Reis negros no Brasil escravista: história da festa de coroação de rei congo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002, p. 25.

tradicional<sup>3</sup>, como se percebe nos relatos das cerimônias de conversão e batismo do rei e outros membros da nobreza do Congo: execução de danças; ritos de iniciação; queima de velhos iniquices (interpretada como queima de ídolos pelos missionários); incorporação de novas rezas, ritos e símbolos; relatos de sonhos confirmadores; encontro de objeto carregado de energia sobrenatural – pedra cruciforme – aceito e colocado no altar; e, por fim e mais importante, com a adoção desses novos elementos ritualísticos, os chefes visavam, sobretudo, o incremento de seu próprio poder e, por conseguinte, o incremento da harmonia e do bem estar das comunidades que governavam.

As novidades que comparecem com a adoção do cristianismo são a presença do sacerdote católico em lugar de destaque nas cerimônias civis e religiosas; a incorporação de novas insígnias ao lado das tradicionais; o uso de novos mitos para justificar o poder real, com destaque da vitória dos cristãos sobre pagãos, com a ajuda de forças divinas e a interseção de Nossa Senhora do Rosário; e a incorporação de termos ibéricos para nomear membros da corte (alferes, mordomo etc). Tudo isso, entretanto, é adaptado à visão do mundo banto, sem alteração essencial de sua estrutura central: explicação dos acontecimentos deste mundo com referência ao sobrenatural; atribuição de grande importância à interferência dos ancestrais no presente; e responsabilidade de feiticeiros e sacerdotes (cujas funções também são exercidas pelos reis) de promover a comunicação entre os dois mundos, conjurando os bons espíritos e esconjurando os maus para promover a felicidade na terra.

Os africanos trazidos para as Américas eram povos com complexos sistemas sociais, políticos e religiosos. Evidentemente, a diáspora impede que esses sistemas sejam integralmente transpostos para cá. Contudo, se as relações sociais nas quais os indivíduos se inscreviam no mundo americano determinaram as feições das novas comunidades, a escravização não destruiu automaticamente hábitos, maneiras de pensar e sentir de suas vítimas; a bagagem cultural também influencia as formas que essas comunidades adquirem, apesar de o monopólio do poder pelos europeus estabelecer tanto os parâmetros e os limites da manutenção de continuidades sociais e culturais com a África como as formas das inovações. Como as irmandades religiosas

---

<sup>3</sup> Marina de Mello Souza, op. cit.

de negros e pardos, escravos, forros e livres, separadas das dos senhores, foram um dos principais meios encontrados para se organizar em comunidades de alguma forma integradas à sociedade escravista, vários desses elementos das manifestações religiosas e da cosmovisão banto, em sua versão cristianizada<sup>4</sup>, fluíram para as festas dos santos de devoção negra no Brasil.

A documentação mais antiga de coroação de reis congos nas irmandades de Nossa Senhora do Rosário de que se tem notícia no Brasil data de 1674, no Recife. Em Minas Gerais e Goiás, a ereção das irmandades de negros, pardos e crioulos acompanha de perto o estabelecimento dos arraiais e das vilas e a festa começa a apresentar elementos que apontam na direção de uma morfologia próxima da atual na virada do século XVIII para o XIX (levantamento do mastro, procissão com música, gasto crescente com pagamento de caixeiros), consolidando esta forma a partir da segunda metade do século XIX. Do final do XIX até 1925, a festa tem seu auge, perdendo importância daí em diante em função das tendências de secularização e de proibições da Igreja – chegando a desaparecer em várias localidades. Na década de 70, com a valorização dos estudos de folclore no meio acadêmico e a atuação da FUNARTE na área de cultura popular, a festa passa por um período de relativo prestígio.

Finalmente, a partir de meados da década de 90, ganha novo impulso com o contexto de revalorização da cultura popular como reação à homogeneização global; reação que se expressa pelo fascínio com a diferença e a conseqüente sedução das especificidades locais, regionais, étnicas, lingüísticas etc. No final deste percurso, nas cidades em que foi preservado, o Reinado de Nossa Senhora do Rosário passa a se deparar com dois novos problemas: a) ser visto como reminiscência de tempos antigos, cujo sentido se perdeu no processo, como objeto cristalizado, desvinculado do dinamismo do presente, o que equivale a uma tendência de “folclorização” – numa acepção restritiva do termo – que implica uma atitude minimizadora ou equivocada frente à esta prática religiosa; b) a adesão por parte de alguns congadeiros a tendências de espetacularização na qual os rituais descontextualizados acabam

---

<sup>4</sup> E aqui importa pouco se esses africanos foram convertidos ao catolicismo chegando no Brasil, ou se já eram cristãos quando foram escravizados e arrancados da região da África Central (Congo / Angola), como era o caso de muitos.

contribuindo para descaracterizar suas funções básicas e desvirtuar seus objetivos, distanciando-se de seus fundamentos sagrados.

### **Descrição textual**

Na Congada, as práticas culturais africanas, ligadas a saberes, valores, crenças e ritos de origem deram forma à festa em louvor aos santos católicos, notadamente Nossa Senhora do Rosário, São Benedito e Santa Efigênia. O bumbo, a caixa, o tamborim, as cuícas, os reco-recos, os pandeiros soam na rua nos dias de festa, invocando de um modo africano os santos católicos e conferindo a seu culto outros desdobramentos e novas significações, criando esta manifestação singular que é a coroação do reinado nas festas dos santos de devoção negra.

É perceptível certa predominância de traços culturais próprios dos povos da África centro-ocidental (região do Congo, Angola e Moçambique) nesse catolicismo negro, mas há igualmente elementos que indicam a influência de minas e sudaneses e ainda de grupos indígenas presentes nas diversas localidades. Trata-se de uma manifestação híbrida, na qual a resistência cultural pela vivência do sagrado preserva conteúdos religiosos dos antepassados e uma série de conhecimentos a eles associados.

Cada santo (ou cada terno) tem sua corte composta por imperador (ou rei) e rainha, príncipe ou princesa e juiz ou juíza. Os ternos “trabalham” para os santos, cantando e dançando em duas filas paralelas na rua e nas casas dos festeiros e promesseiros. Os capitães puxam os versos e os dançadores respondem em coro, tocando e dançando, nas várias funções da festa – ensaios nas casas dos festeiros, levantamento do mastro, reunião dos festeiros e cortejo do reinado para as missas, almoço, café ou janta da rainha ou do imperador, visitas aos festeiros, troca da coroa. A bandeira no alto do mastro, simbolizando a ligação do céu e da terra, marca um período especial em que as santas e santos derramam sua benção e o sagrado se faz presente.

### **A Congada de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito**

A Festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e a Congada de Catalão são apontadas pelos seus realizadores e por estudiosos como existindo desde o ano de 1879, ainda durante o regime escravista. Ela se situa no período da expansão da fronteira agrícola para Goiás, vinda especialmente do Triângulo Mineiro. Vários congadeiros antigos e alguns dos mais idosos são originários das cidades de Araxá,

Uberlândia, Grupiara. Há também influência e migração de cidades do Centro-Oeste de Minas Gerais como Candeias e Campo Belo.

A Festa de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito e a Congada de Goiânia existem desde a década de 1950, segundo seus realizadores e estudiosos, quando a cidade, fundada em 1933, estava ainda em sua segunda década de existência. Neste momento histórico, os ventos da modernidade se materializavam no Estado de Goiás com transferência da capital da Cidade de Goiás para Goiânia. Neste cenário que se abre para o moderno, com promessas de dias melhores, goianos de outras localidades e migrantes vindos de outras regiões do país chegam a Goiânia, trazendo em sua bagagem a vontade de realizar seus sonhos, sem abrir mão das suas crenças e tradições.

A festa de Goiânia é, em grande medida, tributária da festa de Catalão, embora tenha recebido elementos de outras Congadas do interior do Estado e ainda diretamente de Minas Gerais. As Congadas mais antigas como as da Cidade de Goiás e de Pirenópolis, que remontavam ao período colonial e que ainda eram vigentes até a década de 1970, parecem ter contribuído menos na formação da Congada em Goiânia. Reinscrita num ambiente pouco favorável, ano após ano a fé em Nossa Senhora do Rosário e demais santos pretos ou de devoção negra se reedita na nova capital. Essa festa serve de palco para a circularidade entre passado e presente, entre o sagrado e o profano, entre centro e periferia, produzindo novas formas de resistência, de cultura e fé, que são baseadas fundamentalmente em práticas ancestrais.

Tanto em Catalão como em Goiânia a Festa tem data móvel. Em Goiânia, a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário da Vila Santa Helena e a Irmandade 13 de Maio realizam suas festas por volta do dia 13 de maio. A Irmandade de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito da Vila João Vaz promove sua festa em setembro. Esta festa ocorre um mês antes da que se faz em Catalão que se encerra na segunda-feira mais próxima do dia 12 de outubro, data da Padroeira do Brasil, Nossa Senhora Aparecida e, desta forma, inclui o dia de Nossa Senhora do Rosário, 7 de outubro.

Em ambas, o ritual tem um ciclo de 11 dias, iniciando-se na madrugada de uma sexta-feira com uma alvorada seguida de uma novena. Antes do último dia da novena, num sábado, acontece o levantamento dos mastros de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito. No domingo, ocorrem procissões e numa delas, na matutina,

os congos saem em cortejo. Este é o dia em que os ternos fazem visitas agendadas em casa de devotos. A festa encerra-se numa segunda-feira com a entrega da coroa para os festeiros do ano seguinte. Em Catalão, parte da festa – novenas na capela do Rosário, leilões e festa dançante no rancho, jantares no Centro Folclórico – não têm participação direta dos(as) congadeiros(as). As novenas ficam a cargo de grupos da Igreja Católica e os eventos no Rancho e no Centro Folclórico são de responsabilidade da comissão de festeiros, composta por casais também vinculados aos círculos católicos, com pouca representação da população negra local. Assim, a Festa de Nossa Senhora do Rosário em Catalão tem boa parte de suas funções comandada por festeiros, responsáveis pela acolhida dos ternos ao final da alvorada, das procissões e da entrega da coroa para o festeiro do ano seguinte.

No dia do domingo e da segunda-feira, em Catalão e em Goiânia, os ternos realizam as visitas a pessoas de dentro e de fora da congada, que servem cafés, lanches ou almoços para os congadeiros. Essas visitas aos devotos, congadeiros e pessoas de referência para os ternos são ritos exclusivos da Congada e não tem ingerência da Igreja ou de festeiros.



Congo do Prego de Catalão. Alex Ratts, 2007

Em Catalão, congadeiros mais velhos situam o mito de origem da Festa do Rosário no período escravista, dizendo que ela “nasceu na senzala”, que “veio dos escravos” ou dos “pretos velhos”. Alguns dizem que foram “africanos” que a criaram. Nesse mito, a Santa (ou uma imagem dela) aparece num local distante e ermo – um deserto, uma gruta ou mesmo uma praia. Vários segmentos étnicos, raciais e/ou culturais tentam levá-la para uma vila ou cidade e abrigá-la numa igreja. A depender do narrador, dentre estes segmentos se incluem foliões de reis, os brancos, os índios e, por último, os negros subdivididos em Congos e Moçambiques. A Santa recusa-se a acompanhar quase todos e, por fim, se “anima” com os toques das caixas dos Congos e se deixa levar pelos negros moçambiqueiros, com suas patangomas e gungas. Negros – Congos e Moçambiques – erigem um “nicho”, uma capela que se torna a Igreja do Rosário (em geral, “dos Pretos”), como diz o canto: “A Senhora do Rosário / foi achada num deserto / o Moçambique foi quem trouxe / e o congado vinha perto”. Esse cortejo é reencenado todos os anos desde a alvorada até a entrega da coroa, tendo uma seqüência variada de ternos, com a presença invariável, ao final, de ternos de congo e, por último, de moçambiques.

O mito situado no Brasil escravista tem conotação racializada, o que justifica o acréscimo de devoções voltadas para santos negros como Santos Efigênia e São Benedito. Alguns congadeiros reforçam em suas narrativas que “foi a raça negra que fez essa festa, desde Minas Gerais”, que era “só festa dos negros” e que os “brancos” não participavam.

Em Catalão, a festa era realizada pelos “negros da roça” que vinham à sede do município para realizar o ritual. Nele comparecem diversos grupos, denominados ternos, que se distinguem pelo ritmo, pela coreografia e pela indumentária própria: ternos de vilão, catupé cacunda, congo (incluindo os marinheiros ou marujeiros) e moçambique. Até os anos 1970 havia poucos ternos em Catalão. Em Goiânia, os tipos de ternos são basicamente os mesmos, à exceção do vilão que não existe na capital. Em ambas as localidades há uma tendência de crescimento da festa e de aumento do número e da variedade dos ternos, como é o caso do terno de penacho, inspirado em grupos mineiros semelhantes.

Cada terno tem ao menos um capitão, mas pode ter segundos e até terceiros capitães. Há ainda cargos – efetivos ou simbólicos – de General, juízas, mordomo do

mastro, e outros. Além dos ternos, há o Reinado, composto por Rei, Rainha, príncipes e princesas escolhidos geralmente dentro de famílias negras. Segmentos não negros, denominados em Catalão de “árabes” ou “brancos”, foram se inserindo na festa e na congada como mordomo do mastro ou mesmo como dançadores e até capitães.

Os cantos falam da África, do mar, do navio negreiro, da escravidão, da devoção e da vida (o amor, a saudade). Improvisos falam de pessoas e acontecimentos. Esses cantos são de conhecimento coletivo ou individualizado pelos capitães de ternos.

A indumentária dos ternos de congo e de moçambique aludem tradicionalmente ao vestuário militar, caso da roupa de capitães e generais, e aos uniformes escolares, caso da roupa das bandeirinhas. Algumas alterações nas indumentárias e adornos ocorreram com a introdução de materiais mais acessíveis e/ou de maior brilho e colorido.

Antes, praticamente não havia ensaios. Os ternos eram pequenos e o aprendizado se dava, em geral, no próprio ritual ano a ano. A alvorada, o levantamento do mastro e a procissão aconteciam em casas de referência (residências de capitães ou dirigentes de ternos) e posteriormente na chamada “Velha Matriz”. Os trajetos se modificavam em parte em função de transferência do terno para outro “dono” (ou dirigente) que torna sua residência a casa de referência do grupo.

Outro elemento de mudança é a participação das mulheres nos ternos da congada. Os congadeiros mais idosos relatam que, em tempos remotos, elas não participavam como dançadoras. Posteriormente, foram aceitas como bandeirinhas, meninas e adolescentes que portam os estandartes de Nossa Senhora do Rosário e dos Santos protetores dos ternos. Há mulheres que tocam caixa e/ou dançam em um ou outro terno, sendo notória a recusa dessa presença por alguns capitães. Em 2005, foi criado o terno Mariarte, conhecido como o “terno das mulheres”.

Os congadeiros relatam um tempo de dificuldade de realização da festa na Matriz em Catalão em face de discordâncias com padres estadunidenses. Posteriormente, edificaram a atual Capela do Rosário, por volta do ano de 1940. Depois, foi construído o Centro Folclórico, que deveria substituir o ranchão. Esta idéia, contudo, foi rejeitada por grande parte dos congadeiros. O ranchão continua sendo edificado, agora com tendas, na praça em frente à capela do Rosário. O Centro

Folclórico é destinado a cafés e almoços dos congadeiros nos dias da Festa em que a congada se apresenta. Nos dias em que acontecem as novenas na capela do Rosário, jantares com leilões acontecem para a comissão de festeiros e uma parte da elite catalana.

### **A Congada de Santa Efigênia**

O ciclo da mineração, que em Goiás foi breve, deixa registros da festa em cidades como Vila Boa (Cidade de Goiás), São José do Tocantins (Niquelândia), Arraial da Meia Ponte (Pirenópolis), Santa Cruz. Destas, ela permaneceu, de forma regular e efetiva, em Niquelândia e, ao que parece, mas carece de ser mais bem investigado, de forma irregular e descontínua em Santa Cruz.

A Congada de Santa Efigênia de Niquelândia, embora tenha uma série de elementos contraditórios nas demais festas originadas das irmandades de negros, constitui uma manifestação singular, já que não tem referência à devoção de Nossa Senhora do Rosário e/ou ao mito fundador do Congado / Reinado de Nossa Senhora do Rosário; o que é tanto mais surpreendente pela referência explícita de Pohl<sup>5</sup> à capela de Nossa Senhora do Rosário como a igreja mais bem conservada do Arraial de Traíras – hoje distrito de Niquelândia, rebatizado Tupaciguara –, em 1819, onde, provavelmente, teria se realizado a festa descrita por este autor.

A decadência da mineração e o declínio demográfico rápido e acentuado da Vila de São José do Tocantins e, especialmente, do Arraial de Traíras, a partir de 1780, favoreceram a ruralização da população da região, então com um forte contingente negro, em processo de criouliização devido à diminuição da importação e também de aumento do número de libertos e livres. Em que pese uma tendência para o casamento dentro de grupos étnico-culturais próximos, como mostra a análise dos batizados na região<sup>6</sup>, não há exclusividade étnica (ou de “nação”) na composição das irmandades e é bastante plausível a hipótese de uma mistura de influência de minas /

---

<sup>5</sup> POHL, Johan Emmanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EdUSP, 1976, p 203 - 205.

<sup>6</sup> Mary Karasch. Centro-africanos no Brasil Central, de 1780 a 1835. Em Linda Heywood (org.). *Diáspora negra no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

sudaneses e iorubás bem como dos índios Avá-canoeiros nesta festa, sem prejuízo da já aventada predominância de elementos bantos.

### **Formação dos Congos**

A festa de Santa Efigênia, diferentemente de outras festas, é realizada por um único grupo, “os Congos”, que não visitam outras festas e não recebem visitas de outros ternos. Esta característica tem relação com a maior preservação de elementos originais nesta festa, já que não há o contato e intercâmbio com grupos de outras localidades, o que é freqüente fator de inovação. Na festa, as Santas homenageadas são Santa Efigênia e Nossa Senhora do Carmo. Cada Santa tem sua corte composta por imperador e imperatriz, príncipe ou princesa e juiz ou juíza. São cinco festeiros no dia 25/7, dia de Santa Efigênia, e outros cinco no dia seguinte.

A congada “trabalha” para as Santas, cantando e dançando em duas filas paralelas na rua e nas casas dos festeiros e promesseiros. Na frente do grupo caminham ou se postam, o caixeiro e o tocador do bumbo. Estes são os responsáveis pela marcação do ritmo. Nos cortejos para condução do capitão do mastro, na cerimônia de levantamento, e para condução do Reinado para as missas e da igreja para o almoço dos festeiros, vão à frente do grupo. Na entrega dos festeiros na igreja e nas danças na saída da igreja, tocam de frente para o grupo, um pouco apartado dele, e não tomam parte na dança. Apenas o caixeiro toca na porta das casas quando vão deixar cada festeiro e dentro delas, quando voltam para visitá-los. Além disso, caixeiro e tocador de bumbo participam da capina do largo. Nesta cerimônia, entretanto, tocam em linha com os cantadores, de frente para os enxadeiros. O tocador de bumbo cumpre um dos serviços mais pesados da Congada em função das grandes dimensões e do peso do instrumento. Normalmente, dois tocadores se revezam nos percursos.

Logo atrás do caixeiro e do tocador de bumbo, caminham nos cortejos o primeiro baliza (ou guia), o segundo baliza (ou contra-guia) e o primeiro cuiqueiro. Nas danças, da qual não participam a caixa e o bumbo, os balizas formam a linha de frente. O primeiro baliza é o responsável pela condução do grupo e coloca-se à frente da fila da direita. Tendo o tamborinho como instrumento de comando, dá a batida para a introdução da cuíca e para o ritmo da caixa e puxa os cantos. O primeiro cuiqueiro fica à frente da fila da esquerda, dá a introdução para o início do canto e marca os passos

da dança para esta fileira. O segundo baliza ou contra-guia dança no meio das duas filas e, conforme a coreografia, incorpora-se a uma delas. Ele entoia o canto em dueto com o guia e toca viola. Também conduz alguns rituais, como a dança do Kazumba, da qual trataremos adiante. Divididos nas duas filas, os demais Congos tocam reco-reco ou pandeiro, respondem os cantos dos guias e dançam.



Cortejo do Reinado. Paulo Barreto. 2008

Entre as duas fileiras, à frente do Reinado, vão as duas bandeiras nos cortejos, levando respectivamente os estandartes de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Carmo. É função de grande relevância e responsabilidade, pois as bandeiras simbolizam as Santas e são as guias do grupo. Logo atrás, segue o Reinado que tem a seguinte composição. Imperador e Imperatriz. São os Principais festeiros. Um é da corte de Santa Efigênia e o outro da corte de Nossa Senhora do Carmo. Tem compromisso com todas as atividades da Congada e dão um almoço ou um jantar para o grupo no dia da festa da respectiva Santa. Príncipe e princesa. Geral, mas não necessariamente, jovens festeiros. São um príncipe e uma princesa para a corte de cada Santa homenageada. A família normalmente dá um lanche ou serve uma farofa para os Congos na noite dos ensaios e durante a visita na noite da festa. Dois juízes (ou juíza) para cada corte. Tem responsabilidade com o recolhimento de donativos para a festa. Além disso, também dão um lanche ou servem uma farofa para os Congos na

noite dos ensaios e durante a visita na noite da festa. O Reinado é eleito anualmente. Todos os integrantes têm lugar especial nas missas da festa e caminham sob guarda-chuvas carregados por pajens nos cortejos e sentam em uma cadeira na porta de suas casas na entrega, igualmente sob o guarda-chuva do(a) pajem.

A vestimenta dos Congos é composta por calça e camisa de manga comprida branca e gravata. Usam sobre a calça uma saia vermelha até a altura dos joelhos. Do cós desta saia pendem retalhos coloridos sobre o tecido vermelho. Nos tempos mais antigos era obrigatório ainda o uso de paletó, costume conservado pelos Congos mais velhos. É um traje ritual que marca a solenidade das funções da Festa e as separam dos eventos corriqueiros, cotidianos, contribuindo assim para demarcar o território do sagrado. A vestimenta é um dos itens que autoriza o indivíduo a assumir seu papel na Congada. Sem ela não há permissão para participar da Festa. Esta vestimenta só é usada nos dois dias de festa propriamente dito, 25 e 26 de julho. Na capina do largo, no levantamento do mastro e nos ensaios, os Congos não usam a farda.

A peça mais característica, entretanto, é o penacho que os Congos usam na cabeça. Trata-se de uma faixa feita de tira de papelão revestida por um pano preto em que são coladas fitas coloridas e outros enfeites, tais como pequenas medalhas e crucifixos, que serve de base para um penacho feito de penas de ema enfiadas em um talo de buriti, bem amarradas e envoltas por um pedaço de arame. O penacho é colocado sobre um pano branco que cobre a cabeça dos Congos. Há algum tempo atrás, os penachos eram confeccionados por Dona Cristina Fernandes, mãe do atual presidente da Congada, Valdivino Fernandes. Hoje existem outras pessoas que os confeccionam, cabendo geralmente às esposas dos Congos o trabalho de realizar algum reparo necessário. O penacho é adereço fundamental dos Congos, sendo estes muitas vezes denominados de Congos Penachos ou simplesmente penachos. Alguns informantes falam da sua origem remetendo aos índios que existiam na região, possivelmente os Avá-canoeiros, que passaram a ser conhecidos como “o povo invisível” depois de um tristemente famoso massacre ocorrido em 1969; momento a partir do qual eles passaram a evitar qualquer contato. De João Santana escutamos também que os índios estão por aí e comparecem na festa, porém não são vistos. Não ficou claro se este aparecimento seria físico. É uma pista a ser investigada.

## Instrumentos

**Tamborinho** (ou tamborim). Instrumento quadrado de madeira de 25 cm de comprimento e largura e 10 cm de altura, com couro na parte superior, feito pelos próprios Congos. Na inferior, duas hastes em cruz formam a empunhadura. É tocado com uma baqueta fina de madeira. É o instrumento de comando, tocado pelo puxador do canto. Marca os tempos do compasso binário 2/4 e dá a batida para a caixa e a cuíca.



Valdivino com a Viola. Paulo Barreto. 2008

**Viola.** Instrumento ibérico e que, provavelmente, entrou na Congada a partir dos momentos de diversão da festa, quando brancos e mulatos se misturavam na função.

Hoje é instrumento executado pelo segundo baliza, presente em todas as funções de dança. Comanda a dança de lemanjá e do Kazumba.

**Cuíca.** Instrumento musical, de origem africana, feito de tronco de pau-brasil escavado no formão, com aproximadamente 45 cm de comprimento e 30 cm de diâmetro, feita pelos próprios Congos. Uma extremidade é recoberta com couro esticado, tradicionalmente de fuboca, em cujo centro se encaixa uma vara de madeira voltada para dentro da cavidade do instrumento, cuja fricção com pano molhado produz o som característico de um ronco. As cuícas, geralmente duas ou três, são utilizadas em todas as execuções de canto e dança da Congada e ocupam os lugares da frente nas fileiras. Na fileira da direita, vem logo atrás do baliza com o tamborim. Na fila da esquerda, o primeiro cuiqueiro forma a linha de frente com os dois guias e é também considerado um baliza. A partir do toque do tamborinho, a cuíca dá a introdução para o canto. Na toada mais freqüente, compasso binário 2/4, a cuíca faz uma pausa na primeira colcheia e toca as outras três. Ex. Kazumba, lemanjá.

**Caixa.** Feita de tronco de pau-brasil ou tamboril escavado no formão, com aproximadamente 30 cm de comprimento e 20 cm de diâmetro. Recoberta com couro nas duas extremidades. O couro é seguro por um aro de madeira flexível, geralmente jequitibá, e esticado por cordões presos ao aro e retesados por uma tira de couro cujo movimento aproxima dois cordões amarrados em forma de “V”. Na extremidade de baixo, é fixado um arame encostado no couro que produz uma vibração no som da caixa. É tocada com duas baquetas de madeira. Instrumento responsável pela marcação do ritmo. No cortejo do Reinado para as missas e delas para o almoço dos festeiros vai à frente do grupo, ao lado do bumbo. A caixa é executada de frente para o grupo nas apresentações na porta das casas e dentro delas. Seu executante não participa da dança. Utilizada em todas as funções da Congada

**Bumbo.** Instrumento musical bastante pesado e de grandes dimensões, aproximadamente 110cm de diâmetro e 50 cm de largura, feito preferencialmente de cedro ou tamboril que são madeiras mais leves. O couro usado tradicionalmente era de fuboca, que dava um som mais cristalino e tem maior durabilidade. Em função das proibições de caça, hoje usam couro de bezerro. O bumbo atualmente utilizado foi trazido de Pirenópolis, mas alguns Congos sabem como fazê-lo. É tocado com duas baquetas, uma de madeira e a outra com ponta de tiras grossas de couro de vaca. O

instrumento é um dos responsáveis pela marcação do ritmo na capina do largo, nos cortejos de acompanhamento do capitão do mastro e de condução do Reinado para as missas, na entrega dos festeiros na igreja, nas danças na saída da igreja e no cortejo da igreja para o almoço dos festeiros. Nos cortejos, é levado à frente do grupo ao lado da caixa. Nas danças, é tocado um pouco afastado do grupo, sendo posicionado com um ângulo de 45º da frente das fileiras. Em função das grandes dimensões e do peso do instrumento, normalmente dois tocadores se revezam nos percursos. Seu executante não participa das apresentações na porta das casas e dentro delas e tampouco toma parte na dança.

**Reco—reco.** Também chamado de canjã. Pedaco de 40 cm do talo da folha de buriti feito pelos próprios Congos, com ranhuras sobre as quais o tocador fricciona uma haste de ferro. É utilizado em todas as execuções de canto e dança da congada. É o instrumento que apresenta maior número no grupo. Sua execução varia de acordo com a toada e nos cantos mais lentos – Viva Santa Efigênia, p. ex. – executa uma espécie de virada na batida.

**Pandeiro.** Aro de plástico com 25 cm de diâmetro, e 4,5 cm de largura, com platinelas encaixadas. Compõem o final da fileira, com três, preferencialmente, em cada uma. São utilizados em todas as execuções de canto e dança. Parecem ser incorporação recente na estrutura da Congada.

### **Funções da festa**

A primeira atividade da Congada é a Capina do Largo da Igreja de Santa Efigênia. No Largo da igreja, cresce durante o ano uma vegetação rasteira (vassoura, capim e malva) que é capinada pelos Congos, devotos e promesseiros no dia de São João, 24 de Junho. A cerimônia começa com uma missa na Igreja com a presença dos Congos e da irmandade às 7h00. Além da liturgia normal e da homilia voltada ao Santo do dia, é feita referência à tradição da Congada e, no final da missa, o padre faz a benção das enxadas. Após a missa, ao som dos cantos da Congada acompanhados apenas do bumbo e da caixa, os enxadeiros limpam o largo e as “panhadeiras” de cisco juntam o mato, composto de capim, vassoura e malva, e muitos levam um maço para casa. Vários amarram esta malva misturada com capim nas partes enfermas do corpo,

seguindo a crença de que este capim, abençoado por Santa Efigênia, tem propriedades curativas.

Nos tempos mais antigos, o largo ocupava toda a Praça da Igreja e era coberto especialmente por malva, que tem sabidamente propriedades curativas e também vassourinha. Com a crescente urbanização no município, a maior parte do largo foi revestida por concreto, restando somente uma pequena área na lateral da Igreja. Deste modo, a capina que, tradicionalmente, ocupava uma boa parte da manhã é hoje realizada em pouco mais de uma hora.



Capina do Largo da Igreja de Santa Efigênia. Paulo Barreto

Após a Capina do Largo é servido um café da manhã no próprio largo da Igreja para os Congos, os membros da irmandade, o padre e seus ajudantes e demais pessoas da comunidade presentes. Este café da manhã tem um sentido de comunhão e marca a primeira reunião dos Congos no ano. Antigamente, a maioria das pessoas ligadas à Congada morava na zona rural e vinha para a cidade no período da Festa. Os Congos e festeiros traziam polvilho, fubá, mandioca, vasilhas e gamelas e preparavam os doces e biscoitos para o café da manhã no próprio largo, onde muitos arranchavam. Faziam quebrador, biscoito fervido, peta, brevidade, mãe benta, bolo de arroz, bolo de raspa e pão de queijo. A reunião já começava de fato na véspera, com o preparo da janta e com música e dança que entrava pela madrugada e ia até o romper do dia.

A segunda atividade é o levantamento do mastro com a bandeira de Santa Efigênia e de Nossa Senhora do Carmo na frente da igreja, no dia 29 de junho, dia de São Pedro. Os Congos se reúnem na casa do capitão do mastro, festeiro responsável pela guarda da bandeira e pela cerimônia de levantamento, e, ao som do bumbo e da caixa, saem em cortejo da casa deste até o largo da Igreja de Santa Efigênia, onde, após uma missa e/ou uma benção, é levantado o mastro com as bandeiras. A bandeira no alto do mastro, com a imagem de Santa Efigênia, de um lado, e de Nossa Senhora do Carmo, do outro, marca o período da Festa, na qual as Santas canalizam para a terra as bênçãos do céu. Após o levantamento do mastro, os Congos retornam à casa do capitão do mastro onde ocorre o primeiro ensaio e é servido um café.

A formação da Congada propriamente dita começa com os ensaios, dois dias antes da Festa. Na noite de 23/07, os Congos visitam as casas dos dez festeiros daquele ano. Cantam e dançam em todas as casas, “trabalhando” para as Santas e louvando quem propicia a Festa. Em cada casa é servido um café ou uma farofa e em uma delas é servida um jantar para os Congos. Esta atividade começa às 18h00 e entra pela madrugada.

O dia 25/7, devotado a Santa Efigênia em Niquelândia, é o primeiro dia da Festa. Vários grupos de Congos, numa formação menor, saem logo cedo reunindo os festeiros. Eles chegam tocando e dançando, fazem uma meia volta em frente à casa do festeiro, que já está de prontidão. Este entra no meio do grupo que já faz o percurso de volta, levando o festeiro para a concentração na casa de Seu Luís Preto, ao lado da Rodoviária.

Reunidos os festeiros, a Congada faz sua formação. O tamborim e a cuíca dão a introdução, a caixa o bumbo e os reco-reco respondem e a congada desce em cortejo, por volta de 8h00 da manhã, conduzindo o Reinado para a missa de Santa Efigênia. Na porta da Igreja, são entoados cantos de entrega dos festeiros para a missa e de louvor à Santa Efigênia. A missa, às 9h00, acontece atualmente em uma grande tenda montada ao lado da igreja, que já não comporta o número de devotos e promesseiros. Ela segue a liturgia católica normal, sem cantos ou danças da Congada. O Reinado e os Congos assistem à missa em local privilegiado, adrede preparado. Uma grande imagem de Santa Efigênia é colocada em frente ao altar, abençoando os presentes.

Ao final da missa, a Congada volta a formar e executa alguns cantos e danças considerados obrigatórios, com os festeiros posicionados em pé, na frente da igreja. Dali, já por volta do meio-dia, segue em cortejo para o almoço na casa da rainha ou do imperador. Na porta da casa, há uma cerimônia para levar o festeiro para dentro. Este senta em uma cadeira, com o pajem em pé, segurando o guarda-chuva que lhe protege, a uns três metros da porta. A congada entoia o canto de entrega do festeiro e a cadeira é aproximada até um metro da porta. A congada continua cantando e dançando e o festeiro é finalmente conduzido para dentro. Os demais membros do Reinado o acompanham.

No quintal ou na varanda da casa, em uma grande mesa armada para este fim, é servido o almoço para os Congos. Depois que estes se servem, os demais visitantes são também servidos, mas somente os Congos têm lugar à mesa. Após a refeição e um breve descanso, a Congada torna a formar, canta o agradecimento e já sai da casa, deixando aquele morador (imperatriz ou imperador), e vai conduzir os outros quatro às suas residências. Em cada casa é repetido o ritual de entrega do festeiro. Este entra na casa e a Congada já segue com os demais para a próxima entrega.

Terminada esta função, por volta de quatro da tarde, a Congada vai tomar um café ou um lanche na casa de algum promesseiro e depois, já à noite, retoma o percurso no sentido inverso, fazendo as visitas aos cinco festeiros do dia. Os trajetos mudam a cada ano, pois dependem do local de residência dos festeiros. Com o crescimento da cidade e a incorporação de novos integrantes na Congada, as longas distâncias entre as casas, percorridas a pé, têm constituído um problema para a logística da festa e roubado o tempo que a Congada dispunha para as danças e as visitas a promesseiros.

Nas visitas, a Congada canta e dança para o festeiro sentado e posicionado na frente do grupo, no pátio interno ou na rua, quando o espaço é exíguo. Além dos cantos rituais obrigatórios, o festeiro pode pedir para executarem os de sua preferência. É nessa situação que, em algum momento, é realizada a dança da Kazumba, um cortado voltado mais para o próprio grupo que para o festeiro. Na casa do imperador ou da imperatriz é servido o jantar. Nas demais há um café ou uma farofa. Ao final da última visita, entre meia-noite e uma hora da madrugada, o grupo

se dispersa e cada um volta para sua casa ou para a casa onde está hospedado nos dias da festa.

No dia 26/07 todo o ritual se repete, desta vez com os cinco festeiros de Nossa Senhora do Carmo. Ao final deste dia, a Festa é encerrada. No dia 27/07, a irmandade se reúne para descer os mastros e levar a bandeira para a casa do capitão do ano seguinte.

### **Danças**

A louvação às Santas é feita por meio de cantos e danças, conduzidos pelo ritmo das caixas e demais instrumentos percussivos, no que guarda identidade com as demais manifestações religiosas de origem afro-brasileira, igualmente conduzidas pelo canto e pela dança. O “trabalho” do Congo é louvar as Santas, cantando e dançando para elas e para seus festeiros, que tem a responsabilidade de garantir a realização da festa, cuidando de sua sustentação material.

**Dança do Congo.** Em sua formação característica, duas fileiras com um baliza à frente de cada uma e um terceiro no meio, os Congos fazem um passo apoiando na perna esquerda e fazendo um movimento balanceado em que a perna direita é lançada para frente e para o lado. Na primeira estrofe o movimento é no mesmo lugar. Ao final da primeira estrofe, cada baliza externo faz um giro para fora e caminha na direção contrária à que estava. Quando chegam à outra extremidade fazem o giro para dentro e voltam. Neste momento, uma parte da fileira já está voltando para a posição inicial e a outra ainda está indo no sentido contrário. Isso se repete três vezes. Na quarta, uma fileira faz a volta passando por fora da outra, fazendo um percurso em “U”, enquanto a outra faz o percurso no sentido inverso passando por dentro daquela. Este movimento se repete até que o canto esteja concluído.

**Dança de Iemanjá.** Dança circular em que os Congos, apoiando o passo na perna esquerda, movem a direita alternadamente para frente e para trás, se movimentando para a direita. Dança executada obrigatoriamente na porta da igreja, na saída das missas da festa e, com frequência, a pedido dos festeiros. A referência à rainha do mar do Candomblé é clara, apesar de a pesquisa de campo não ter identificado a existência de terreiro ou adeptos na cidade nem na festa. O canto parece ser bastante tradicional

e seria provável herança de sudaneses e/ou iorubás, minoritários na região, em festa com evidente predominância cultural banta.

**Kazumba.** É denominado pelos Congos de “cortado”, dança cuja coreografia é mais voltada para os próprios dançadores. Numa formação em círculo, o violeiro traz dois Congos que ocupam posição simétrica em cada fileira para o centro. Estes se cumprimentam, fazem alguns passos típicos da dança do congo, sincronizados e juntos, porém sem enlace, alternados com uns giros. Depois se despedem e trocam de lugar. Ao final de todo o movimento, as duas fileiras trocam de posição, mas cada Congo mantém o mesmo lugar em sua respectiva fila.

### **Cantos**

A forma como os chefes antigos da Congada atuavam, tentando reservar seu repertório, dificultando a aproximação dos Congos mais novos que mostravam interesse em aprender os cantos, levou à perda de alguns cantos e ao desconhecimento do sentido de outros cantos entoados em um espécie de língua crioula, cuja matriz e influência ainda não conseguimos identificar. Pela composição étnica dos escravos da região tenderia a ser algo próximo de um “língua da costa” que misturaria termos e construções gramaticais do português com vocábulos bantos principalmente, iorubas / sudaneses em menor número e ainda alguns advindos do tupi (Avá-canoeiro). Segundo Valdivino e João Santana, são cantos em “latim”, língua que eles desconhecem. Não é de todo delirante a hipótese de que este “desconhecimento” seja deliberado, em função de estratégias de preservação dos mistérios restritos aos iniciados. Não parece, entretanto, ser o caso.

Os cantos apresentados a seguir são frutos de transcrição fonética livre, segundo conseguimos entender. Na continuidade da pesquisa pretendemos mostrar esta transcrição para os Congos e tentar aprimorá-la bem como “decifrar” seu sentido. Com o falecimento de seu Candinho, o informante que poderia ajudar nesta tarefa é seu Luís Preto, com quem pretendemos fazer uma terceira entrevista exclusivamente sobre este assunto.

Dandira – canto para a entrega do Imperador em sua casa

***ôh dandira, dandirê, festa mané dandira / ôh festa mané dandira / festa mané dandê ( resposta) / oh dandi, dandirê / festa mané dandira (resposta) / ôh festa mané dandira / Festa mané dandê (resposta)***

Canto para a entrega da Imperatriz

***Rainha dona da coroa, dona da coroa, dona da coroa / Rainha dona da coroa, dona da coroa, dona da coroa***

Catirina – canto para a entrega da Princesa

***ôh catirina quitê, ôh catirina quitê / devota sinhá princesa, ôh catirina quitê***

Viva Santa Efigênia – canto para louvar Santa Efigênia na porta da Igreja

***Viva, ôh viva e torna revivar / viva Santa Efigênia que viemos festejar***

Bendito da entrega do festeiro – canto para os festeiros entrarem na Igreja para a missa

***Ôh, reunidos vão / festejar Santa Efigênia / a Virgem, Nossa Senhora / êeh***

Cantos de agradecimento pela refeição ofertada

***Ôh senhor promesseiro\* que não tem que pagar / o gosto que tem é nós festejar / ôh lê, ôh lá, o gosto que tem é nós festejar***

(\* Sá Rainha, Sá Princesa, Imperador, dependendo do caso)

***guerrerê, guerrerá, Igreja de Roma que veio festejar.***

***Viva Efigênia com muita alegria / louvemos o povo e a Virgem Maria***

Cantos Gerais da Congada

***Vassourinha que varre, serená / varre, num varre, serená / ela varre, num varre, serená / vassourinha que varre, serená***

***Andorinha que veio do céu, que que ocê trouxe / balainho de fulô / vale Santo Antônio***

Iemanjá – canto entoado obrigatoriamente na porta da igreja, na saída da missa de Santa Efigênia, acompanhado de uma dança circular. Também muito solicitado pelos festeiros

***Ôh, iemanjá, rainha de congo, ôh sinhá / êh / ôh, iemanjá, ôh 'manjá, rainha de congo, ôh sinhá***

Kazumba – cortado. Canto ligado a uma coreografia voltada para reforçar o companheirismo entre os dançadores

***Ôh kazumba, kazumba, kazumbê / eu vou parar êh / ôh kazumbê / Ôh kazumba, kazumba, kazumbê / eu vou parar êh / ôh kazumbê***

Cantos específicos de louvor a Santa Efigênia

Vou rezar meu Rosário

***Eu vou, eu vou para o céu / É muito longe meu Deus / ôh eu vou rezar meu Rosário / é muito longe meu Deus***

Festa dos anjos

***Quem festeja os anjos / Santa Efigênia / lá no céu com muita alegria / Santa Efigênia***

Cristo nasceu

***Ôh Cristo nasceu, depois de quarenta hora / ôh depois de quarenta hora / é hora que amanheceu***

Cantos mais acelerados

Samba do homem

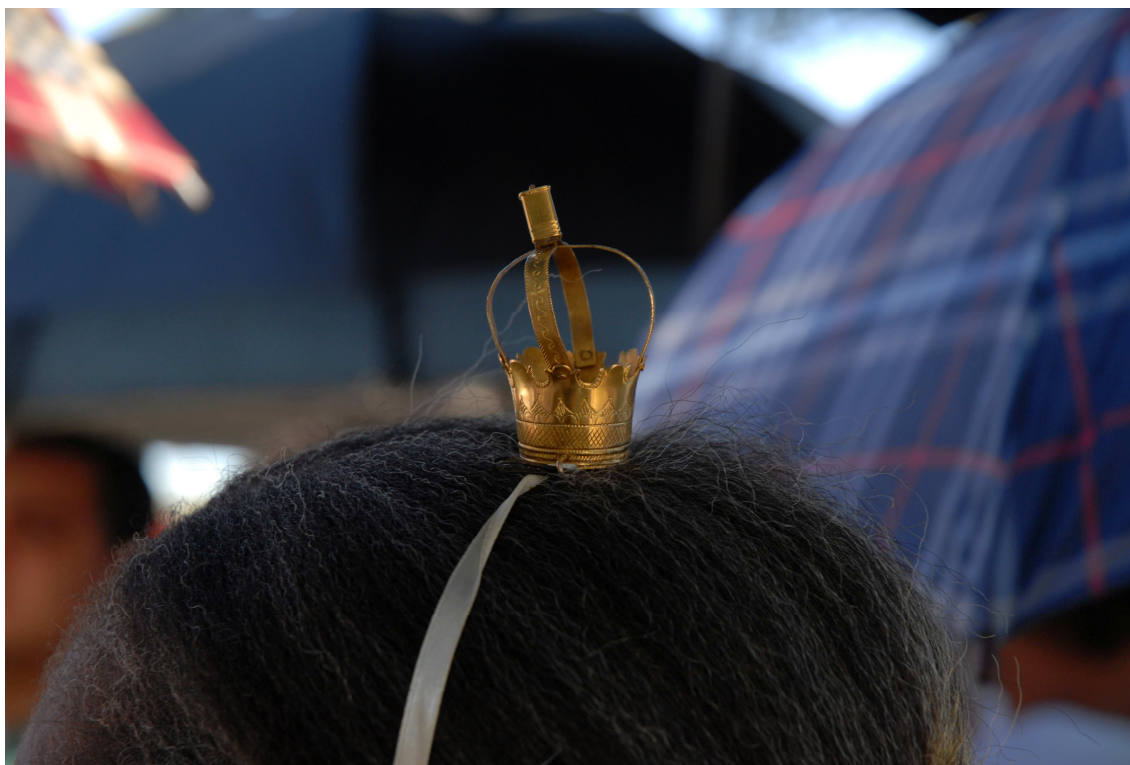
***Olha o samba do homem / êh o samba do homem, eu vou sambar / o samba do homem / eu vou sambar / o samba do homem / eu vou sambar***

Fogo na cana

*Olha fogo na cana / êh deixa a cana queimar / canavial / fogo na cana / canavial /  
deixa a cana queimar / canavial*

### Objetos

**Coroa.** Principal objeto ritual da festa e símbolo da majestade do imperador e da imperatriz. A coroa do Imperador tem as dimensões normais. A da Rainha é pequena, com uns 6 cm de altura e 3 cm de diâmetro, mas é de ouro. São objetos da Congada e são entregues nos dias da festa para o festeiro e depois recolhidas e guardadas em local sabido de apenas alguns poucos membros da irmandade.



Coroa da Imperatriz. Paulo Barreto. 2008

Nas sociedades centro-africanas na época do tráfico de escravos, era responsabilidade dos reis e rainhas cuidar da bem-aventurança do grupo, garantindo a harmonia da vida nesta esfera física / natural, o que se fazia na esfera religiosa pela conjuração dos bons espíritos e invocação dos ancestrais protetores. Esta função de líder religioso, que implica o poder de comunicação entre o mundo físico / natural e o sobrenatural, dos espíritos e entidades, benévolas e malévolas – mundos deveras próximos na cosmologia banta com enorme influência do segundo sobre o primeiro –,

também é um atributo dos reis, que conservam parte das prerrogativas dos feiticeiros, sacerdotes, xamãs etc. Este poder dos reis é comunicado às insígnias da realeza, que passam a ser igualmente veneradas. Há ainda o papel tradicional de liderança que os reis negros e reis do Congo exerciam sobre a população negra – escrava, liberta ou livre – no período da colônia e do império, cuja reminiscência se faz presente na festa.

**Cetro.** Igualmente insígnia da realeza.

**Buquê de rosas.** São levados pelas juízas no Reinado.

## Sentido

A composição demográfica que comparece na formação da Congada em Niquelândia – predominância de bantos com alguma influência de minas / sudaneses e iorubás bem como dos índios Avá-canoeiros – não se distingue do padrão vigente em boa parte do país na formação da cultura popular, que se expressa em diversas festas, folguedos, brincadeiras, crenças, narrativas etc. Herança das culturas indígena e negra escrava dos mais diversos matizes, cabocla e também portuguesa arcaica, nossa cultura popular tem uma postura frente ao enigma e angústia da morte marcada pela crença na proximidade que os espíritos dos mortos mantêm com os vivos; as almas dos antepassados habitando nosso mesmo universo físico e psíquico e com ele entretendo relações, fastas ou nefastas. Não por acaso, o objetivo dos ritos mágicos presentes na cultura popular é conjurar as almas benignas e esconjurar as malignas. E quando os gestos ritualísticos visam induzir as almas a interferirem em proveito do devoto e dos seus ou em desfavor dos inimigos nos encontramos num espaço de convivência do mágico com o religioso instituído, não raro com predominância do primeiro. E as devoções aos santos conservam algo da magia arcaica nos rituais, com promessas, rezas e cantos visando conseguir ajuda nos momentos de precisão.

Esta concepção, na qual percebemos uma série de elementos comuns com a cosmovisão banta, é expressa por Alfredo Bosi<sup>7</sup> como *materialismo animista*. O homem pobre, rústico, oficial mecânico ou lavrador, por força de suas obrigações

---

<sup>7</sup> Alfredo Bosi. Cultura brasileira, culturas brasileiras. Em *Dialética da colonização*. São Paulo: Cia. das Letras, 1992 e Homenagem a mestre Xidieh. Em: *Literatura e resistência*. São Paulo: Cia. das Letras, 2002.

diárias lidando com a matéria, age com senso agudo de seus limites e possibilidades. Seu conhecimento prático e realista converge para a sabedoria empírica arraigada. Entretanto, na concepção da sabedoria popular, o mundo da necessidade está longe de ser desencantado, na terminologia de Max Weber. Prevalece nele uma relação tácita com uma força superior – Deus, Providência – que se desdobra em entidades anímicas, dotadas de energia e intencionalidade. Assim, neste modo de vida rústico, os objetos simbólicos criados por trabalhadores, homens e mulheres do povo, normalmente com baixo poder aquisitivo e baixo nível de instrução formal, têm ligações diretas com as condições concretas de uma batalha dura pela sobrevivência. Neste contexto, destaca-se a produção artística dos mestres da cultura popular, cuja arte, ao mesmo tempo em que guarda utilidade para as necessidades da vida, revela-se misteriosa ao lidar com uma força transcendental. O povo os reconhece como homens e mulheres dotados de força íntima, detentores de antiga sabedoria e capazes de agir como intermediários entre o semelhante e o mundo dos ancestrais e dos espíritos da natureza.

Esta posição dos mestres da cultura popular foi percebida na Congada de Santa Efigênia, tanto em alguns integrantes da Congada – notadamente os mais antigos e, especificamente, Seu Luís Preto e Seu Candinho – como em outras pessoas que participam da festa sem tomar parte diretamente na dança dos Congos. Dona Josefa Cunha, por exemplo.

A resistência cultural pela vivência do sagrado que preserva conteúdos religiosos dos antepassados e uma série de conhecimentos a eles associados, se expressa também na devoção à Santa Efigênia. Os Congos dançam por promessa e por devoção. Alguns já não residem em Niquelândia, mas vêm todo ano para o ensaio e para a festa, cumprindo sua obrigação. Ao fazê-lo, esperam angariar as boas graças da Santa, que ocupa papel semelhante aos ancestrais e outras entidades na mediação entre o mundo natural e sobrenatural. Assim, no canto e na dança dedicados à Santa Efigênia os Congos buscam a proteção contra forças malignas, ajuda para cura, abundância, que são intervenções neste mundo, e também a salvação, que liga mais propriamente com o plano religioso.

Santa Efigênia é vista como milagrosa. As promessas feitas a ela são, normalmente, pedidos para obtenção de cura de doenças, de seqüelas de acidentes,

de picadas de cobra. As promessas são feitas em nome próprio ou em nome de outrem. São vários os depoimentos acerca de filhos que se curaram de algum malefício em razão de promessas feitas pelos pais. Estes filhos cumprem a promessa dançando o congo, dando um café, um almoço ou um jantar para os Congos, enfim, participando de alguma forma dos rituais da festa. O atual presidente da Congada, Valdivino Fernandes Pimentel, conta que começou a dançar congo ainda menino, em função de uma promessa de sua mãe. Quando tinha apenas três anos de idade, correu sério risco de vida ao ingerir acidentalmente querosene. Sem apoio médico, já que moravam na roça e também a cidade contava na época apenas com um farmacêutico, sua mãe prometeu a Santa Efigênia que, se ela lhe salvasse o filho, o mesmo dançaria Congo enquanto vida tivesse. Assim, ele cumpre a promessa há quase 40 anos.

Em caso semelhante, um dos integrantes mais antigos explica que não se dança congo por farra. Dança-se para agradecer um benefício. Ainda menino, Seu Luís Preto sofria de acessos e a cidade, na época, não contava com apoio médico. Sua mãe recorreu, portanto, a Santa Efigênia, prometendo-lhe que seu filho dançaria a vida toda se obtivesse a cura. Outro integrante conta que sua avó foi quem fez a promessa, quando a casa onde sua mãe morava – ainda grávida dele – pegou fogo. Para que se salvassem, prometeu que, se nascesse uma neta, ela iria se chamar Santana e a mãe da criança iria dançar congo por um ano. Se fosse neto, iria dançar congo enquanto agüentasse andar. Mãe e filho escaparam, e o menino, batizado João Santana, segue cumprindo a promessa, hoje como um dos balizas do grupo.

Os devotos de Santa Efigênia – dançadores de Congo e as demais pessoas que fazem promessa para a Santa, para dançar ou dar um almoço etc. – participam com muito fervor da Capina do Largo da Igreja de Santa Efigênia no dia 24 de junho (dia de São João), que marca o início da festa. Ao som dos cantos acompanhados pela caixa e pelo bumbo, o largo é capinado pelos Congos e os promesseiros recolhem os montes de capim, vassoura e malva, amarrando-os nas partes do corpo afetadas por doenças ou machucados. Como narra Seu Candinho, “de qualquer maneira que você sofrer um acidente aí, pode fazer uma promessa com ela. Ela ajuda. Ou pra dançar Congo, pra carregar cisco no dia da Capina, essas coisas; amarrar num lugar que machucou, que sara. Pode fazer, no dia vim. Fazendo a promessa com fé mesmo, já está são. Mas tem que cumprir a promessa aí do jeito que você fez.”

Existem diversos exemplos de promessa, desde dar uma garrafa de cachaça todos os anos ao terno até dançar para Santa Efigênia a vida toda. Há quem prometa e cumpra a promessa por um ano só. Importante, como ressaltou Seu Candinho, é cumprir do jeito que fez. A importância do cumprimento das promessas é fortemente afirmada em relatos dos participantes mais antigos da Festa, que contam de promesseiros que, mesmo depois de mortos, zelam pelo cumprimento de seus votos através do intermédio de membros vivos da família. Foram relatados casos, inclusive, de intervenção direta da Santa. Uma das fiéis, Dona Josefa Cunha, conta que, muito doente, se pôs a rezar de joelhos no chão pedindo benção de cura, quando a Santa lhe apareceu e lhe cobriu com saúde: “Ela desceu na nuvem e colocou assim ó. Mas eu num agüentei não, moço. Mas eu chorei...”

Da mesma forma que a Santa ajuda aqueles que a louvam e celebram, ela também pode ser vingativa contra os que fazem pouco caso, ridicularizam ou estorvam a devoção. Portanto, com Santa Efigênia não se brinca. Como declarou D. Cristina Fernandes, numa afirmação de muita sabedoria e prudência: “Não acredita. Fica calado!” Gente que, por algum motivo, nega ou atrapalha a continuidade da festa pode ser castigado, material e fisicamente, e há relatos de prejuízos sofridos por pessoas que não respeitaram a fé de outros. Um dos casos se refere a um marido que proibiu a esposa de ir à cidade para a festa e de levar os doces e quitandas que havia preparado para dar um café para os Congos; o que, segundo ele seria um esbanjamento dos recursos da família. O castigo não tardou. No dia da festa teve parte da mão decepada em um acidente com uma foice.

Sobre alguns chefes antigos da Congada contam-se histórias de que possuíam poderes de cura, além de outros poderes ditos sobrenaturais<sup>8</sup>; o que, aliás, está perfeitamente de acordo com as origens culturais da festa. Trata-se de curadores, raizeiros, benzedores que tradicionalmente são os responsáveis pela cura tanto física como espiritual, numa linhagem que os ligam aos xamãs, pajés, feiticeiros, sem prejuízo de sua devoção como católicos e devotos de Santa Efigênia e até, pelo

---

<sup>8</sup> A própria concepção de *sobrenatural* implica uma concepção do mundo fortemente partida entre o mundo físico e o da espiritualidade e da alma, sendo o primeiro dito natural e o segundo, sobrenatural. Na concepção banta e na da cultura popular tal distinção é mais rafeita e a comunicação mais freqüente.

contrário, numa perfeita, sincera e de seu ponto de vista nada contraditória integração dessas esferas.

Procurados para salvar alguém ofendido de cobra, por exemplo, um desses Congos que era benzedor e conhecedor de ervas e raízes ia até a sombra de uma árvore e, rezando, “desmarrava” o que de ruim houvesse, e a cobra, onde quer que estivesse, morreria na hora. A pessoa se curava e não sentia mais nenhum sintoma da picada. Deste senhor se dizia também que matava cobra só no olhar<sup>9</sup>, o que pode ser entendido como uma referência ambígua que tanto pode ser ao próprio animal como a uma alegoria da potência maligna. Num ou noutro caso, resta patente o correspondente poder do capitão de suplantar o mal, seja ele físico ou espiritual. Esses conhecimentos foram repassados de geração em geração, embora no contexto urbano, moderno, industrial e racional nem sempre tais conhecimentos tradicionais gozem de prestígio. De todo modo, alguns dos integrantes do Congo sabem ainda hoje de rezas para cura, raízes para garrafadas e etc. Tudo vindo “primeiramente de Deus e de Santa Efigênia”, como afirma Dona Josefa Cunha.

Comparada com o dinamismo da vida urbana industrial e da aceleração da produção e da difusão do conhecimento científico / tecnológico fruto da divisão do trabalho social – o que em Niquelândia se expressa de forma emblemática na própria mudança do nome da cidade, que de outro lado também afirma a continuidade do garimpo – a vida arcaico-popular é percebida às vezes como estática. Esta percepção, entretanto, é equivocada, já que ela tem seu dinamismo próprio; mais lento e mais seguro. Em contato, mas à margem da cultura erudita, da educação formal institucionalizada e dos meios de comunicação de massa, ela se reproduz no espaço da vida familiar e comunitária, viabilizada pela rede formada por parentes, vizinhos e adeptos de uma mesma religião<sup>10</sup>. Este forte traço grupal das manifestações da cultura popular, em que a tradição desempenha papel de coesão social e moral nas

---

<sup>9</sup> No CD duplo *Reinado do Rosário de Itapecerica MG*, no CD *da festa*, na faixa 21, há um desafio – amistoso e levado na brincadeira naquele contexto da gravação – em que aparece este tema: *E eu sou um preto véio / vivo pisando em macega / cascavel é perigoso / dá um bote e não me pega Pois ele tá cutucando / que que havemos de arrumar / tem cuidado companheiro / com o bote que a cobra dá Quem tem telhado de vidro / cuidado quando apedreja / sou uma cobra urutu / quando não mata, aleja Pois eu falo com certeza / eu não quero enganar / urutu de cruz na testa / eu mato só no olhar.*

<sup>10</sup> Alfredo Bosi. Op. Cit.

comunidades, não impede, todavia, seu desenvolvimento e mudança, apenas dão sua orientação.

Assim, embora herdeiros de uma tradição de 220 anos, as pessoas que estão à frente da Congada hoje são contemporâneas do seu tempo. Embora alguns tenham certa proximidade e vivência rural, moram na cidade e exercem ofícios urbanos. Nem tudo que ouviram e viram como dança terá a mesma valoração que tinha para os antigos. Alguns cantos e danças se perderam. Outros vão tendo seu sentido alterado, num processo normal de perdas, assimilações e ressignificações, sem prejuízo de um alto grau de fidelidade à tradição percebida na Congada de Santa Efigênia.

Uma breve contextualização da trajetória dos atuais balizas da Congada ajuda a entender a dinâmica e as tensões que se estabelecem entre a modernidade e a tradição e como a vida familiar e comunitária, os laços de compadrio e de irmandade na fé criam uma rede que possibilita a permanência e o desenvolvimento da tradição. Valdivino Fernandes Pimentel é o atual presidente da Congada. Nascido em 1960, começou a dançar Congo aos nove anos de idade em companhia do pai, João Botelho Pimentel, que também dançou por muitos anos. A iniciação de Valdivino acontece quando ele adquire idade para cumprir antiga promessa feita por sua mãe, Dona Cristina Fernandes da Silva, que também é devota de Santa Efigênia desde menina. Tanto o pai como o marido de D. Cristina foram dançadores do Congo e ela sempre acompanhou a festa, algumas vezes como festeira (imperatriz de Santa Efigênia) e, portanto, oferecendo almoço para os Congos, mas sempre se responsabilizando pelas vestimentas (camisas, saias e penachos) do pai, marido, filhos.

Valdivino é casado com D. Cleusa Ribeiro Leite, que também participa da congada e é de família com forte tradição na festa. D. Josefa Cunha, sua sogra, também acompanha a festa desde menina em função de promessa da mãe por causa de picada de cobra. Tendo aprendido com a mãe o ofício de parteira, D. Josefa é conhecedora do “jardim da vida”, as plantas que tem propriedades curativas, e de orações para proteção; conhecimentos ancestrais atualizados na Congada. Seu avô e seu pai foram chefes da Congada. Assim, quando o grupo se reúne, dos sessenta ou mais presentes, cerca de quinze tem alguma relação de parentesco direta ou colateral com Valdivino. O mesmo valendo para João Santana de Freitas Machado, contraguiá e

tocador de viola, que começou a dançar no Congo aos doze anos de idade, cumprindo promessa feita pela avó.

Valdivino e João Santana aprenderam os rituais da festa participando diretamente, observando e escutando, pois não havia entre os Congos antigos a prática de ensinar os mais jovens. Pelo contrário, os meninos curiosos costumavam ser escorraçados, às vezes com aspereza e brutalidade. Juntos, tiveram de tolerar muito desaforo dos Congos mais antigos, e só por muita fé, devoção e compromisso com a promessa feita respectivamente por sua mãe e avó persistiram na Congada. Este fato contribuiu para alguns lapsos na memória do grupo, fazendo com que alguns cantos fossem enterrados juntos com seus detentores e outros sejam repetidos sem que os Congos saibam exatamente o que estão cantando. A prática atualmente mudou, e João Santana e Valdivino demonstram séria preocupação em ensinar aos mais jovens os cantos, os toques e os passos de dança, para que a festa possa continuar.

Além de Valdivino e João Santana, também atua como baliza do grupo seu Luís Rodrigues, também chamado Luís Preto. Este é o baliza mais antigo e já atuava neste papel quando Valdivino e João Santana a ele ascenderam. Normalmente, a linha de sucessão da chefia da Congada deveria passar para seu Luís Preto – e competência na atuação e conhecimento dos cantos e da festa não lhe faltam. Ocorre, entretanto, que seu comportamento instável e temperamento irritadiço, agravados pela bebida, prejudicam / comprometem sua liderança no grupo. De toda sorte, como os cantos da congada são sempre entoados em dueto, pelo baliza que está no comando com o tamborim e pelo da viola, os três se revezam nesta função. Assim, quando Valdivino puxa os cantos no tamborim, normalmente tem João Santana na viola como contraguiá. Quando Luís Preto puxa os cantos, o contraguiá pode ser João Santana ou o próprio Valdivino, que também toca viola na Congada. Outros Congos podem, eventualmente, atuar como “suplentes” nesta posição, fora das funções e momentos rituais mais importantes e delicados da festa. Esses momentos também são propícios para a iniciação dos novos balizas, entre os quais se destaca uma filha de João Santana.

Os três balizas são os principais detentores do conhecimento da congada em atividade, especialmente depois do falecimento de Seu Candinho, que, além de grande conhecedor da festa e de saberes associados, especialmente os relacionados à atividade de curador, benzedor e rezador, era o primeiro cuiqueiro e baliza de uma das

fileiras. E não é coincidência que todos três estão lá cumprindo promessa feita pela mãe ou pela avó, que os obriga perante os antepassados. João Santana e Valdivino se destacam mais pela personalidade aglutinadora e também pelo trânsito na “rede social de controle” que todo o grupo – para além dos dançadores – exerce sobre a manifestação. Neste aspecto, é interessante notar, que sendo um dos Congos mais velhos em atividade, com cerca de 65 anos – e isto é um dado relevante em se tratando de manifestação que atualiza a memória ancestral – e muito respeitado por seu conhecimento, repertório, afinação, embora abusado e autoritário em algumas situações, seu Luís Preto é extremamente cordato, atencioso e manso quando as funções são na casa ou tem a participação de quatro irmãs octogenárias, matriarcas da Congada junto com D. Cristina, das quais ele “toma a benção”.

### **A situação atual da Congada de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito**

Entre os anos 70 e os 90 do século XX, a Festa de Nossa Senhora do Rosário e a Congada de Catalão deixa de ser, em parte, uma expressão cultural de “pretos e pobres”. Com a presença de outros segmentos sociais, mas sem perder sua referência étnico-racial, torna-se a principal festa do local e da região, alcançando visibilidade no estado de Goiás e, mais recentemente, em âmbito nacional. Como dito acima, o número de ternos e o de dançadores e bandeirinhas cresceu bastante.

O crescimento da cidade, situada em área de contato com os Estados de Minas Gerais e São Paulo, lócus de mineradoras e de montadoras contribui para o aumento do número de participantes da congada, que se agregam por relações não somente de parentesco ou vizinhança, mas também de trabalho.

Observa-se também uma tendência de espetacularização das congadas nos dias finais da festa, especialmente, na cerimônia de entrega da coroa. A construção de palanques para a audiência nos últimos anos é sinal deste fenômeno. A interferência de políticos locais é notória na realização da Festa de Nossa Senhora do Rosário e das Congadas de Catalão. A tensão latente com a igreja católica, com o comércio local e com outros agentes por vezes se manifesta no que diz respeito à realização e espacialização da festa, a exemplo da discordância acerca da instalação de barracas, da construção do rancho ou da divisão dos recursos para a festa e as congadas.

A organização das congadas, que parece ser recente, se divide em 2 entidades: a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Catalão e a Associação das Congadas de Catalão que refletem uma diferenciação interna entre os congadeiros. A primeira é uma entidade religiosa e a segunda é laica e suas diretorias podem ser comandadas por grupos e idéias distintas.



Moçambique Nossa Senhora do Rosário de Goiânia. Alex Ratts, 2008

A cidade de Goiânia vem passando por etapas de crescimento, abrigando hoje uma população de mais de 1.200 mil habitantes. As Festas do Rosário e Congadas, características de pequenas e médias cidades, são recriadas em grandes cidades ou metrópoles, a exemplo de Belo Horizonte e São Paulo. Sua realização nestas áreas acarreta problemas de diversas ordens: a dificuldade dos congadeiros para realizar atividades que se chocam com o tempo de trabalho, como as alvoradas que comprometem uma madrugada e a entrega da coroa que se dá numa segunda-feira à tarde. Congadeiros indicam que seus patrões não cristãos ou não católicos resistem em liberá-los para estas atividades.

Pertencentes, em sua maioria, às camadas populares, os congadeiros têm dificuldade de arcar com despesas individuais ou coletivas dos ternos e da festa em geral.

Durante os trajetos nas ruas dos bairros é notória a falta de apoio público para interdição das ruas. Nestas situações, os congadeiros correm o risco de atropelamento, por exemplo.

Com exceção da Irmandade da Vila João Vaz, que tem capela e um terreno para realização da festa, observa-se a falta de locais para realização das festas dançantes e dos leilões. Mesmo na Vila João Vaz há dificuldades de infra-estrutura para a festa que aglutina centenas de pessoas.

### **A situação atual da Congada de Santa Efigênia**

A Congada de Santa Efigênia é uma festa forte, que envolve uma parte significativa da população afro-descendente do município de Niquelândia e que preserva muito de seus aspectos originais; o que se deve, pelo menos em parte, a seu relativo isolamento durante 200 anos. A festa é restrita a uma faixa da população menos favorecida em termos sócio-econômicos, o que também contribuiu para sua maior preservação. Hoje, a maior circulação dos Congos, notadamente com sua participação no Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e nos Encontros Afro-Goianos, aumenta sua exposição a influências externas, por um lado. Por outro, isto também dá maior consciência da importância e valor da tradição por eles preservada.

A festa começa a ter mais visibilidade. O que coloca uma possibilidade, no momento remota, de ela vir a ser incorporada na “niquelandidade”, cujos centros de decisão são deveras distantes e inacessíveis aos Congos. Nesses menos de 10 anos de maior contato com organizadores de encontros, produtores, pesquisadores, curiosos etc., a Congada já acumula algumas frustrações com pessoas / produtoras que os procuraram para registrar a manifestação (áudio, vídeo e fotografia) e se apropriaram do material registrado dando nenhum ou pouco retorno para o grupo; inclusive sequer uma cópia ou seleção do material registrado. Isto tornou o grupo assaz desconfiado

deste tipo de iniciativa e implicou algumas dificuldades em nossos primeiros contatos<sup>11</sup>.

Esta situação inicial foi logo superada e hoje a equipe da UFG tem uma relação de confiança estabelecida com o grupo. Conseguimos aprovar também um projeto para o registro em áudio e fotográfico da Congada de Santa Efigênia junto com o Museu da Imagem e do Som de Goiás, em edital da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Goiás. A proposta foi evidentemente apresentada, discutida e aprovada pelo grupo, que receberá a íntegra do material registrado. O músico e pesquisador Alfredo Bello, do selo Mundo Melhor, também vem fazendo o registro em áudio e fotográfico da Congada desde 2007. O SEBRAE – GO também tem trabalhado com o grupo e incluiu o município de Niquelândia no projeto *Economia das Festas Populares de Goiás*. No momento, estamos tentando estabelecer uma linha de atuação conjunta, respeitando, no entanto, a autonomia de cada agente. E isto parece que caminha para um resultado positivo, visando à complementaridade das ações e o benefício do grupo e a valorização e divulgação respeitosa e sustentável da festa em primeiro lugar.

A situação do prédio da Capela / Igreja de Santa Efigênia constitui um capítulo à parte. Trata-se de prédio histórico, da virada do século XVIII para o século XIX, construído pela própria Irmandade de Santa Efigênia, na época da mineração de ouro. É um dos monumentos arquitetônicos de grande relevância histórica no Estado de Goiás.

A igreja pertenceu à irmandade até o início da década de 80, mas foi transferida para a paróquia pela impossibilidade de sua manutenção. Este fato torna o grupo dependente da boa vontade do pároco para realizar as funções da festa que tradicionalmente são feitas na Igreja – lugar sagrado para os Congos e ligado umbilicalmente à história da Congada e de seus ancestrais. Nem sempre esta boa vontade existiu historicamente e não existe no momento. Há uma clara tentativa do pároco atual de domesticar e submeter a Congada; o que gera atrito. A Capela passou por uma restauração a cargo da Secretaria Estadual de Cultura na década de 80. O prédio está aparentemente em boas condições e merece uma atenção especial do

---

<sup>11</sup> Em junho de 2008, no primeiro contato, sequer tivemos permissão para fotografar a Capina do Largo.

IPHAN. O altar necessita de uma restauração urgente. A paróquia construiu dois banheiros laterais, há cerca de cinco anos, que a descaracterizam.



Congos entregando festeiros na Capela de Santa Efigênia. Paulo Barreto, 2008

A antiga Irmandade de Santa Efigênia continua existindo. Não se sabe, entretanto do paradeiro da documentação histórica da Irmandade. Há uma suposição de que poderia estar nos arquivos históricos da Cidade de Goiás, antiga sede da diocese. Em 2007, foi criada a Associação Comunitária de Santa Efigênia (ACSE de Niquelândia), com personalidade jurídica, que defende e promove os interesses culturais e sociais dos Congos.

Junto com a Irmandade de Santa Efigênia, a Associação Comunitária de Santa Efigênia zela pela continuidade da festa por sua valorização e divulgação. As condições de permanência estão colocadas, pelo menos no momento. Há o interesse das novas gerações na festa e o comprometimento com sua continuidade da parte dos atuais líderes. Contudo, não existe uma documentação reunida e organizada sobre a Congada de Niquelândia, tais como vídeos, filmagens, referências documentais, registro fotográfico, *releases* e *clippings* de notícias sobre o evento. Além disso, como festa proveniente dos escravos e ex-escravos da região – hoje ainda predominante, mas não mais exclusivamente, conduzida pelos negros – ela é circunscrita a apenas uma parte da população do município, justamente a menos favorecida em termos sócio-

econômicos. Assim, o avanço desta pesquisa implica também a valorização social, a inclusão e a ampliação da participação dos grupos que realizam a Congada de Santa Efigênia de Niquelândia - GO.

### **Recomendações de ações para a salvaguarda da Congada de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito**

As seguintes medidas de salvaguarda podem ser implementadas no curto prazo:

- Criação de instrumentos que facilitem a transmissão dos saberes tradicionais dos congadeiros mais idosos, especialmente capitães, fabricantes de instrumentos (especialmente de caixas, patangomas e gungas) e das mulheres artesãs (fabricantes de uniformes, capacetes, chapéus).
- Criação de um espaço de discussão junto às Irmandades de Goiânia e de Catalão pensar estratégias de conservação e divulgação do acervo da Congada (estandartes, peças de vestuário, instrumentos musicais, fotografias e filmagens (em VHS) que estão sob a responsabilidade de seus dirigentes e de pesquisadores).
- Abrir um canal de interlocução com o poder público municipal e estadual para que os congadeiros se manifestem a respeito dos modos de proteção e manutenção da festa que considerem adequados, orientando e fortalecendo a construção de políticas de proteção e medidas de salvaguarda.

Medidas de salvaguarda que podem ser pensadas no médio prazo:

- Produção de material impresso que possibilite às crianças e aos adolescentes conhecer a festa e reconhecê-la como uma importante expressão cultural do estado de Goiás e como elemento de formação de cidadania.
- Promoção da Congada em Catalão e em Goiânia e criação de condições de divulgação para um público amplo, no Brasil e em outros países.
- Ampliação da pesquisa para cidades do Sudeste Goiano que têm Festas do Rosário e Congadas, a exemplo de Ouvidor e Pires do Rio, além de Goiandira, cujo terno mais antigo foi fundado no início do século XX.
- Atuação junto à Festa de Nossa Senhora do Rosário e Congada de Catalão de modo a criar um contrapeso às tendências de espetacularização detectadas.

- Inclusão da Congada de Catalão e de Goiânia no pedido de registro do bem feito pela Prefeitura de Uberlândia e outros municípios e entidades. Neste sentido recomenda-se o aprofundamento dos seguintes aspectos da festa:
  - a) repertório musical (rezas e os cantos, que comparecem nos diversos momentos da festa, dos ensaios, celebrações e demais momentos e que correspondem a cada terno de congo, vilão, moçambique ou catupé, com suas especificidades.
  - b) ofícios e modos de fazer relativos às diferentes atividades da festa (confeção das bandeiras, do mastro, de roupas, dos adornos, dos instrumentos musicais, dos cenários, das comidas, entre outras expressões).
  - c) Investigação e recuperação da documentação histórica da festa (compromissos, atas das reuniões das irmandades etc.).

### **Recomendações de ações de salvaguarda da Congada de Santa Efigênia**

O registro da Congada de Santa Efigênia de São José do Tocantins (Niquelândia - GO) como Bem Cultural Brasileiro é a primeira medida recomendada para o seu reconhecimento e preservação. Além disso, recomenda-se o aprofundamento do estudo e da pesquisa sobre a manifestação visando suprir a enorme lacuna no conhecimento e publicações existentes sobre a Congada de Santa Efigênia bem como instruir o referido processo de registro. São os seguintes os aspectos identificados nesta primeira aproximação e que merecem ser aprofundados:

- O repertório musical dos cantos da Congada, tentando recuperar alguns cantos ainda lembrados pelos Congos mais antigos, mas que já não são executados;
- O repertório de danças da Congada, tentando recuperar algumas danças ainda lembrados pelos Congos mais antigos, mas que já não são executadas, notadamente o cortado *Marimba*, a qual fez referência o Sr. Satiro Pedroso da Silva;
- Ofícios e modos de fazer aplicados na preparação do penacho e da vestimenta bem como dos instrumentos feitos pelos próprios Congos, que são a maioria: caixa, bumbo, reco-reco, tamborim e cuíca;
- A história da Congada de Santa Efigênia em São José do Tocantins e no Arraial de Traíras, a ser recuperada através da documentação das Irmandades de Santa Efigênia – há indicações de que uma parte desta documentação estaria no Instituto de Pesquisa Histórica do Brasil Central da Universidade Católica de Goiás na Cidade de Goiás –,de

relatos de viajantes e de estudos históricos sobre a presença negra e também dos Avá-Canoeiros na região;

– A história da construção e manutenção da Capela de Santa Efigênia pela Irmandade;

A par dessas recomendações, sugerimos ainda a implementação das seguintes medidas de salvaguarda:

#### **Medidas de Salvaguarda de implementação imediata**

– Publicação / edição dos produtos resultantes dos projetos “Inventário e Documentação das Festas do Rosário e Congados no Estado de Goiás” (DPI / IPHAN e FUNAPE – UFG) e “Registro Audiovisual da Congada de Santa Efigênia de Niquelândia” (MIS / AGEPEL, UFG, FAPEG) para consolidação e divulgação das tradições locais, devendo ser distribuído às escolas e bibliotecas do município e disponibilizados nos pontos de atendimento ao turista;

– Devolução à população do conhecimento produzido pelos projetos, por meio de exposições de fotografia, exibição do vídeo produzido, apresentação do CD com os cantos. Este trabalho deve ser incrementado pela participação da Associação Comunitária de Santa Efigênia, com o respaldo de seus parceiros, SEBRAE - GO e UFG, em editais voltados à divulgação do patrimônio imaterial e outros (editais PNPI e ArtePatrimônio do IPHAN, Programa Petrobras Cultural, Votorantim etc.);

– Criação de mecanismos de consulta à população, especialmente a parte envolvida com a festa, para que esta se manifeste a respeito dos modos de proteção e manutenção da festa que considerem adequados, orientando e fortalecendo a construção de políticas de proteção e medidas de salvaguarda;

– Criação de acervo de referências documentais sobre a festa, requisitando imagens e gravações de áudio feitas pela imprensa (TV Brasil Central), por produtoras ligadas ao Encontro de Culturas Tradicionais da Chapada dos Veadeiros e ao Encontro Afro Goiano, por pesquisadores e particulares.

– Realização de ciclos de oficinas de dança, canto e artesanato, que resultem na transmissão e sustentabilidade dos saberes e modos de fazer da Congada de Santa Efigênia.

#### **Medidas de Salvaguarda de médio prazo**

– Incentivar e regular as atividades turísticas no município, promovendo o turismo cultural e religioso com o devido respeito às atividades da festa, por meio de parceria

com o SEBRAE - GO, que incluiu o município de Niquelândia no projeto *Economia das Festas Populares de Goiás*. A divulgação da riqueza cultural deve buscar incrementar a geração de trabalho e renda por meio de atividades econômicas tais como artesanato, hospedagens familiares, guiagens turístico-culturais bem como de lazer e naturais, favorecendo a inserção dos membros da comunidade nessas atividade por meio de capacitação;

– Trabalhar junto aos órgãos ambientais em nível municipal, estadual e federal para permitir a preservação sustentável dos ofícios e modos de fazer tradicionais aplicados na preparação do penacho bem como dos instrumentos feitos pelos próprios Congos (caixa, bumbo, reco-reco, tamborim e cuíca) que envolvem o uso de penas de ema, couro de fuboca e de madeiras como tamboril, pau-brasil, jequitibá;

– Criação da ***Casa do Congo*** – espaço destinado à realização das atividades da festa, das oficinas e manutenção de centro cultural e de convivência com espaço para exposições. O espaço poderia ser doado pelo poder público municipal que também tem condições de criar mecanismo de reconhecimento público da manifestação. O espaço precisa ser amplo e localizado no Largo da Igreja de Santa Efigênia ou em suas adjacências. Com sua criação, os Congos realizariam suas danças e cantos para os festeiros neste espaço, evitando assim os enormes deslocamentos a pé a que o crescimento da cidade os tem obrigado, com grandes prejuízos para a festa, já que os Congos hoje mais caminham do que dançam.

– Restauração da Capela de Santa Efigênia e recomposição de sua fachada lateral original com a retirada dos banheiros laterais que descaracterizam o prédio. Uma vez restaurado, a Capela deveria ser devolvida para a Irmandade de Santa Efigênia / Associação Comunitária de Santa Efigênia. Para tanto, é imprescindível a sensibilização dos poderes públicos em nível municipal, estadual e federal, a participação do IPHAN e da Diretoria de Patrimônio da AGEPEL o apadrinhamento da Capela por alguma das empresas de grande porte atuantes no município, Votorantim e Anglo-American.

– Gravação do espaço (Igreja e Largo) como "Território Afro-Brasileiro" pela Fundação Cultural Palmares e recuperação e revitalização do Largo da Igreja de Santa Efigênia, com a retirada das intervenções urbanas feitas nos últimos 25 anos sem o menor respeito para com a tradição e/ou consulta aos Congos.

## **Considerações finais**

O registro das Congadas de Catalão e de Goiânia como parte do Patrimônio Cultural do Brasil se justifica primeiramente pela antiguidade, abrangência, enraizamento e dinâmica das Festas do Rosário e das Congadas nessas localidades como expressão do catolicismo afro-brasileiro e popular. A Congada em Goiânia traz ainda a especificidade de ser uma festa realizada em uma grande cidade e capital do Estado.

Do mesmo modo, o registro da Congada de Santa Efigênia constitui ação importante para o resgate, conhecimento e conservação das tradições passadas ao longo de gerações a partir de descendentes de escravos no antigo município de São José do Tocantins, que remonta ao período colonial.

Nos dois casos, trata-se do resgate de parte da história do povo goiano, contribuindo, assim, para a valorização de suas raízes identitárias, principalmente a identidade negra, historicamente negada. Neste sentido, os registros podem contribuir também para a valorização da diversidade étnica do país e para difundir a percepção da imensa riqueza do nosso patrimônio cultural imaterial.

O aprofundamento da pesquisa, por sua vez, pode trazer referências para a reflexão sobre a natureza da criação de uma cultura híbrida na América Latina, que é um dos pilares da desconstrução da colonialidade do saber. Isto porque no desenvolvimento do Congado estão gravadas as transformações econômicas, sociais e culturais em escala mundial advindas com a colonização do Novo Mundo. Não se entende a Congada se não se tem em mente este processo que liga – num jogo de poder assimétrico e com a montagem de um sistema de dominação e exploração inédito e inaudito – Europa, África e América, assim como, no sentido inverso, o entendimento da festa clareia muito sobre as implicações culturais e cotidianas desse processo.

Em que pese os diferentes graus de enraizamento e fidelidade às origens e à tradição, as condições distintas de permanência dadas pelo interesse das novas gerações e pelo compromisso dos líderes na disseminação do conhecimento acumulado, por um lado, e as ameaças das tendências de espetacularização, por outro, as Congadas em Goiás merecem o reconhecimento como Bem Cultural Brasileiro.

Há muito que fazer, entretanto, na reunião de informações e documentação sobre as festas, bem como no sentido de sensibilizar e mobilizar o poder público, notadamente os municipais, para que participem deste esforço. Neste sentido, o envolvimento de instituições como a UFG, o SEBRAE – GO, o IPHAN se torna fundamental para a consecução das medidas de salvaguarda apontadas e para as ações de convencimento/pressão dos/sobre os demais agentes. Com isso, esperamos que as festas deixem de ser marginalizada e vistas como “coisa de preto” por boa parte da população local – que entende como desprestígio uma eventual participação nela – mas que permaneçam preservando a herança dos ancestrais escravizados, porém num contexto de valorização da diversidade étnico-cultural constitutiva de nossa identidade como povo.

## Anexo

### **Descrição da Congada de Santa Efigênia do Arraial de Traíras feita por Johann Emmanuel Pohl, em 1819<sup>12</sup>**

Outra festa, com que se alegram o ano inteiro, celebram os negros livres em homenagem a uma Santa negra africana de nome Ifigênia. Nessa ocasião fazem tudo o que podem para abrihantarem a festa e superarem os brancos em suas iniciativas semelhantes. Foi celebrada esta festa em 24 de junho. De acordo com o uso, duas semanas antes compareceram perante o vigário os delegados dos negros solicitando a licença para a realização da festa. Foi-lhes concedida. Na tarde do mesmo dia, vários negros, vestidos de uniformes portugueses, a cavalo (ornados os animais de campainhas e fitas), primeiramente galoparam um pouco pelas ruas e depois dirigiram-se à igreja. Lá receberam uma bandeira com a imagem da sua Santa e içaram-na num alto mastro diante da porta da igreja como sinal da celebração da festa. Tudo aconteceu sob incessantes disparos de morteiros e mosquetas. Depois cavalgaram em redor da igreja e, em seguida, marchou o cortejo para a igreja paroquial, em cuja praça aberta foram feitas evoluções com grande destreza. E, de casa em casa, desejavam votos de felizes festas. Sob contínuo rufar de tambores, disparos de espingardas e o ressoar de vários instrumentos nativos do Congo, além de outros sons, seguem os participantes para a casa do imperador (nessa festa também se elege um), onde um negro grita continuamente "Bambi" e o coro em uníssono responde "Domina", o que significa: o rei tudo governa. A horrível gritaria, que chegava até nós, não nos deixou pregar os olhos durante toda a noite.

Um dos instrumentos dos negros consiste num bambu de quase 1 metro de comprimento, em que se abrem ranhuras, sobre as quais se esfrega outro bambu no sentido do comprimento, para a frente e para trás, o que produz um ruído característico, muito desagradável, que os negros, entretanto, ouvem com maior delícia. Usam ainda o tamborim, um grande instrumento quadrado de duas polegadas de espessura, com couro distendido de ambos os lados, de cerca de 30 centímetros de

---

<sup>12</sup> POHL, Johann Emmanuel. **Viagem ao interior do Brasil**. Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EdUSP, 1976, p 203 - 205.

lado, batido por meio de um pedaço de madeira. O som se assemelha ao de um tambor delgado. Usam ainda um instrumento redondo, parecido com o tambor, de um pouco mais de 30 centímetros de comprimento e 15 de diâmetro. É coberto com um pano, sobre o qual se toca levemente com os dedos, tirando um som peculiar, profundo, melancólico. No domingo seguinte o imperador eleito, acompanhado da esposa e de dois tocadores de tambor, saiu de casa pedindo esmolas para a festa. À sua frente era conduzido um escrínio com uma pequena imagem da Santa, que era dada a beijar aos transeuntes. O rufar dos tambores, a cantoria e o barulho duraram a noite inteira até o romper do dia. Finalmente, em 23 de junho, véspera da festa de São João – dia em que é celebrada a festa daquela Santa – diante de cada casa foi acesa uma fogueira. A igreja, do lado de fora, estava toda iluminada com luzes e, na praça aberta, diante da igreja, brilhavam também várias fogueiras. Sobre as luzes, devo dizer alguma coisa. São tão simples, que seria impossível adivinhar em que consistem. Por falta de vidro, empregam-se para esse fim, notadamente aqui no interior, cascas de laranjas esvaziadas de seu conteúdo. Enche-se a casca de azeite, coloca-se um pavio, e eis a candeia pronta ...

Dentro da igreja, cantavam e rezavam. A "imperatriz" teve a gentileza de oferecer-me um prato de frutas em conserva e, mais tarde, pediu-me para não ficar aborrecido se a gritaria dos negros à noite fosse um tanto desenfreada. Assim preparado, esperei com alguma curiosidade o que viria. De fato, nessa noite, a barulheira foi inacreditável! Ao troar dos tambores e ao desagradável som dos outros instrumentos, vários bandos de negros percorreram as ruas das 11 horas até ao amanhecer. A gritaria e o contínuo disparar de morteiros e espingardas mais aumentavam a bulha que era verdadeiramente ensurdecadora. Em todas as casas queimavam-se fogos de artifício que ardiam no ar. Mais tarde, ainda por cima, os brancos e mulatos entraram na festa, somando-se ao barulho dos negros o som dos instrumentos europeus. Aí tudo se misturou numa algazarra caótica e indescritível. Até respiramos melhor quando o sol saiu e o barulho cessou.

No dia 24 ao meio-dia, reuniram-se os brancos na casa da imperatriz, onde desde cedo já se achavam todos os participantes da festa, e o cortejo seguiu para a igreja. Abriam-no uns 20 negros com os seus instrumentos. Estavam vestidos à moda do país e penas de avestruz ornavam-lhes as cabeças. Tinham em volta do tronco casaquinhos

de veludo vermelho bordado a ouro e traziam nos braços correntes de ouro e jóias. Seguiam-nos, aos pares, todos os naturais brancos. Depois apareciam o príncipe negro e a princesa da festa, ele com uniforme português, ela em longo vestido branco e – o que dava um aspecto bastante bizarro – com os cabelos bem empoados. Estava quase inteiramente coberta de jóias. Ambos levavam numa das mãos um ramalhete e na outra um comprido junco com grande castão de prata, semelhante aos bastões de nossos mordomos. Vinham depois o imperador e a imperatriz. Ele, igualmente com uniforme português, ela também com um longo vestido bordado. Ambos traziam coroa e cetro e na outra mão o tal junco com castão de prata. Vinha, afinal, a corte, em colorida mistura, vestida à moda do país. Ao som de música, cantando e exclamando continuamente "Bambi, domina" (ver atrás), marchava para a igreja, com aspecto muito pitoresco, o cortejo fantástico, dançando, à sua maneira, os negros que iam à frente; um canto lento e monótono acompanhava a dança, em que eles cruzavam as pernas, estendendo-se para a frente ou para trás, e curvavam o corpo em diversas e estranhas contorções.

No interior da igreja, nos degraus do altar, estavam dispostos dois pálios para os monarcas do dia e dois tamboretas para o príncipe e a princesa. Ao penetrarem na igreja, por entre grandes cerimônias, o padre aspergia-lhes água benta e começava a missa cantada. De tempos em tempos essas altas personalidades eram incensadas. A música foi boa, acima de minha expectativa. No final da missa foram lidos diante do altar os nomes daqueles sobre os quais recaíra a sorte para exercerem as dignidades no ano vindouro. Os tronos e tamboretas foram postos imediatamente na igreja e, logo que os dignitários tomaram os seus lugares, penetraram os músicos negros pela porta do templo, prostaram-se diante dos reais assentos e logo começaram a dançar e a cantar uma música africana. Ao terminar a dança, levantou-se o monarca negro e ordenou em voz alta que se comesse, com cantos e danças, a festa de Santa Ifigênia. Neste momento surgiu um negro que representava o papel de general, e gritou, com muita ênfase e com olhar feroz, que observara a distância um estrangeiro suspeito, ao que o imperador ordenou que marchassem contra o inimigo e o enfrentassem, e para tanto pedia a proteção de Santa Ifigênia nesse combate. Então, com o cetro, concedeu a sua bênção ao general ajoelhado à sua frente. Este desembainhou a espada e, com gestos belicosos, passou por entre os negros presentes. Foi aí que chegou o anunciado

forasteiro. Todos os negros se precipitaram sobre ele e ameaçaram matá-lo. Entrementes, ele ajoelha-se diante do trono e pede audiência. Tranquilo, declara ser o embaixador de um reino longínquo, e que aqui não viera com más intenções ou para excitar rebeliões e hostilidades; mas que o senhor seu rei soubera que neste país se celebrava a festa de Santa Ifigênia e por isso o enviara para participar da solenidade. O pedido é deferido. São iniciados os cantos e danças; o imperador, com o cetro, concede a bênção ao vassalo ajoelhado; Santa Ifigênia é invocada várias vezes e, ao ecoar dos cantos e das músicas, por entre danças e as mesmas solenidades da entrada, efetua-se a saída. Chegando à casa, os dignitários ainda festejam o dia com um banquete em que as principais personagens passam a ser o feijão e a aguardente de cana.

Depois da refeição, o mesmo cortejo visita todas as pessoas importantes da cidade e repete a já descrita representação, pelo que se costuma receber uma contribuição. A mim também coube essa distinção, porém não me encontraram em casa; eu me achava em visita ao vigário, para onde depois se dirigiu o cortejo, repetindo acena diante de mim e recebendo a minha dádiva. Por isso, fizeram-me também um convite para a reunião que, à noite, haveria na casa do imperador. A função durou até meia-noite e foi muito ruidosa; o canto e a música não pararam um só instante. Foram oferecidos doces e cachaça. A representação era toda em versos portugueses muito medíocres de mistura com inúmeras palavras africanas. Do espírito de Camões nada se encontra nessa poesia. Os negros são grandes apreciadores desta festa, em que se exibem com grande ostentação, e não se poderia ferir e ofender mais esta população do que não lhes permitindo essa comemoração, que a tantos respeitos lhes recorda a pátria.